

Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

N.º XI XII/VI Era APS



VIVE HOJE COMO SE FOSSES MORRER AMANHÃ



Editorial

Lurker



Eis-nos no epílogo de mais um ano, com a última edição da Infernus de 2008. No entanto, pareceu-nos que o final do ano seria um bom começo de um novo ciclo na revista, com a introdução de um imagem gráfica renovada que terá continuação em futuras edições. O ciclo contínuo de mudança tem por objectivo o aperfeiçoamento do trabalho que regularmente vos fazemos chegar há mais de dois anos e meio.

Olhando para trás neste ano que agora finda, não podemos deixar de sentir orgulho nos feitos conseguidos: mais quatro edições da Infernus dignas desse nome, recheadas de conteúdo de alta qualidade; um novo volume da Antologia, expandindo o conceito introduzido no ano passado; três novas edições HellOutro Enterprises, com o lançamento do livro Eviscerar Mistérios, do tributo Apocalypse Cancelled e do disco Chidakasha; organização de vários eventos ao longo do ano, com especial destaque para a primeira actuação de Teatro Satanico em Portugal; e, acima de tudo, o continuar da missão de divulgação do Satanismo no nosso país.

Mas, como sempre, estamos orgulhosos mas não satisfeitos – por isso, queremos fazer ainda mais e melhor no ano que se avizinha. Podem contar com novos lançamentos HellOutro Enterprises, quer literários quer discográficos, assim como outros eventos ao longo dos próximos doze meses. Podem contar com o crescimento do conceito Infernus e o seu alargamento a outros campos de acção. Podem contar com uma Associação inconformada e com vontade de

continuar o seu trabalho, com a vossa ajuda de preferência.

Mas, antes de tudo isso, o melhor é mesmo desfrutar desta edição que têm agora convosco. Há por aqui muito material de qualidade, desde colaboradores residentes até estreias entusiasmantes, entrevistas e artigos de fundo, traduções e conteúdo gráfico condizente. Destaco apenas a entrevista com Ordo Rosarius Equilibrio, porque Tomas é um Satanista que merece ser ouvido, pela validade da sua opinião e pelo fantástico conversador que é. Também porque a sua música é largamente apreciada deste lado, e uma leitura atenta das letras mostra-nos mais uma razão por isso assim ser.

Resta-me desejar-vos um bom final de ano – que sirva como introspecção do que foi conseguido ao longo dos últimos doze meses, e que permita traçar os objectivos para os próximos doze. Deste lado, contamos com o vosso apoio para podermos continuar a fazer crescer o Satanismo em Portugal – e também um pouco por todo o mundo. •



Ficha Técnica

Infernus Nº XI XII/VI Era APS

Editor:

Lurker

Produção:

Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial:

Black Lotus, Outubro, Mosath, BM Resende

Colaboradores:

Devis DeV deviLs g., Joana Fernandes, Lupum, Yae

Revisão:

Metzli

Imagem da Capa:

"Infernus" por Angel of Blood

ÍNDICE

Equilibrium <i>BM Resende</i>	4
Krampus- um mito Alpino <i>Devis DeV deviLs g</i>	10
Educação Sexual Precisa-se! <i>Joana Fernandes</i>	12
Voltagem em Overclock <i>Mosath</i>	15
No caminho das rosas e do Equilíbrio <i>Lurker & Black Lotus</i>	20
Teorias para a Origem da Vida <i>Black Lotus</i>	27
Satanismo e a Analogia com Animais Não Humanos <i>Lupum</i>	30
Não me Parece! <i>Metzli</i>	32
Entrevista Burton Wolf <i>Lurker & Black Lotus</i>	35
Nem tudo é o que parece <i>Yae</i>	39
Idolos e Idólatras <i>Outubro</i>	40

Equilibrium

BM Resende



Evangelho Hiperbóreo

Em venenosas incongruências,
se tecem as consequências.

No feitiço das afectividades,
se exponenciam as vontades.

No resquício da existência,
se estrangula a decadência.

Célere de vivências explosivas,
em sociedades inactivas.

Âmagos de sentimentos turbulentos,
em contextos de niilismo sem intentos.

Ira das fogosidades,
em selvas humanas sem vontades.

Esplendorosas seduções,
que aniquilam religiosas castrações.

Contorções emancipantes dos intelectos,
fulminantes de sagrados dejectos.

Suores estridentes de lascividades,
degoladoras de inactividades.

Diatribes emotivas da consciência,
avassaladora da inconsequência.

Rumos artísticos sem destino final,
no esgoto pérfido da vacuidade abismal.

Perfeccionismos de corpos e mentes,
em entulhos sociais decadentes.

Profanações recorrentes da ignorância,
em relampejos abissais da extravagância.

Moldam-se e adornam-se corpos hiperbóreos,
enterrando infantilismos mentais inglórios.

Somos.
Vivemos.
Acontecemos.



No cerne de qualquer questão primordial dos talentos ou inexistência dos mesmos nas artes do equilibrismo está a inexistência, com todas as suas possibilidades infinitas advindas do Caos; a primordialidade de tudo; ou seja, um *ad infinitum* de complexidades aleatórias, não fosse a existência da vontade individual, o poder de retirar factores aleatórios dentro de um ecossistema pela força do «Eu», ou a escolha; feita por outrem; pela alienação constante existente no «Eu» social, vários rumos que nem tão pouco possuem um rumo definido, da confusão da ausência do Caos que se faça dele aquilo que ele é, a primordialidade, a força geradora que parte do Nada em direcção a qualquer coisa pela vontade de geração.

Da Natureza primária do «Eu» individual distingue-se a liberdade, a vocação para a escolha, e esta será a escolha em perfeito absolutismo, a existência de uma primordialidade de Nada onde tudo pode ser gerado, catotizado em outras gerações, até mesmo in extremis numa explosividade satanizante, homo hereticus na plenitude da sua existência, ou aquele que tão-somente escolhe, na Natureza primária da socialização definem-se as reduções da haeresis pela Ordem, fusão de elementos diferentes, incorporações de indistinguibilidades dessa mesma haeresis, unificações através de sucessivas repulsas de elementos, a Desordem em suma, a metamorfose evolutiva social num retrocesso de liberdade individual que provoca o «Eu» social, amarrado ao que lhe foi dado, impossibilitado da escolha, enublada, escondida, indistinguível nas edificações da Ordem, orientações de conjuntos infundáveis de querereres de outrem, um outro «Eu» social, e outro mais, e em fórmulas reformuladas de ciclos viciosos de Ordens provocam e combatem as suas Desordens através dos seus «Eus» sociais, ou a plena alienação do «Eu» individual, a sua domesticação, a indução de conformismos através de teias burocrático-administrativas, e outras façanhas mais de algo que consegue abafar o seu Caos, algo de nomenclatura complexa que mais facilmente é discernível através da palavra “Sociedade”; aquilo que concretamente é,



BM Resende (www.bmresende.net)

não aquilo que abstractamente tenta ser; o produto de um auto-enclausuramento da espécie pela incapacidade de lidar com o Caos, construção que vive para além do Homem, societate ad eternum, com os seus pequenos desvios efectuados às marretadas filosóficas e artísticas nietzschanas; e não só; Homem vem e vai, os «Eus» sociais continuam, papéis a colocar a cada homo hereticus que ouse nascer!

Na teia social se podem perder aqueles que mais buscam a primordialidade da sua existência, o regresso ao homo hereticus, estrebuchamentos podem originar uma envolveria social opressiva que o engole, a teia enclausura-o através da própria força de revolta do «Eu» individual, os cálculos de um estrebuchamento racional e resultados sólidos advindos da vontade são complexos, a instintividade do mesmo pode rapidamente conseguir ares puros ou a derrota total, das haeresis possíveis esta mesmo poderá acarretar o risco máximo de uma existência. Referência obrigatória ao homo stupidum, aquele não vê um palmo à frente da vista, o seu maior horizonte de percepção é a sobrançelha! Que fazem tais espécimes? Ao aleatório passo que dão, no seu stupidum espectro sensorial, trilham a recta que a Ordem definiu, caso auspiciem um desvio a cegueira remete-

os para um abismo, pensam por vezes em não sair do sítio, a probabilidade mais confortável de nada acontecer, improvável acontecer então, se não acontece para quê ocupar um espaço-tempo que poderia ser dinâmico? Ora a existência do estorvo é a mais rotineira, quem mais deambula pelas teias sociais em busca de horizontes mais tropeça nestes calhaus.

Eleva-se a fasquia às bases, puro existencialismo, busca de prazer e fuga ao sofrimento, o contrário também poderá ser possível, encontrar prazer decorrente de sofrimento ou sofrimento decorrente de um prazer, os instintos aliam-se ao empirismo e ao racionalismo, um minimalismo de cognição das coisas e experiências do «Eu» equilibrarão naturalisticamente a vivência de um indivíduo, e resta o «Eu» social...

Qual é o pathos social? Ordem. Na sua presença suprime-se a individualidade, afunila-se as perspectivas, assumem-se objectivos comuns perante indivíduos que são incomuns, ergue-se então a Desordem, competição, forças hierárquicas, rápidas multiplicações de estados sociais horizontais, totalitarismos das ideias mais circenses e orientadas para a espécie do homo stupidum, a liberdade é atribuída às ideologias sociais democráticas, a abstracção induz o erro, a objectividade afigura-se como

Referência obrigatória ao homo stupidum, aquele não vê um palmo à frente da vista, o seu maior horizonte de percepção é a sobrançelha!...



o totalitarismo da maioria, homo stupidum, quem melhor manteria o ciclo? E a manipulação e artificialismo da Ordem numa suposta organização livre e espontânea Humana? Política. E a subversão da filosofia Humana para uma vacuidade existencial de idolatria a deuses; ou a anti-natureza como definição do Abraão, o homo stupidum das tábuas da castração e barbárie? Religião. E a incapacidade de gestão de recursos, intrincada lei universal caída de um deus abraâmico, centralismo, privatização daquilo que faz sobrevivência primária, lixo secundário sob forma de produtos para as massas, miserabilismo da maioria da Humanidade? efeitos colaterais... perante um apocalipse o entulho e quinquilharia são dignos da Arca de Noé? Economia.

Confinado ao canto da existência no círculo social, o Homo Hereticus revolta a sua individualidade, revolução, mas o desvio é castigado, a filosofia é moralmente imoral, Desordem máxima individual, Ordem social hegemónica! Em círculos quando se aparenta a linha recta, culto pessoal em conhecimentos e experiências, esse «Eu» individual suprimiu tempo e energia em si mesmo, e para uma competição nas fileiras das hierarquias sociais o «Eu» social perde-se

nas bases da Ordem. Uma revolução individual? As fileiras sociais hierárquicas superiores sentirão provavelmente uma ligeira trepidação. Criativismos para um «Eu» social? Máscaras múltiplas para múltiplos circos, vestuários e adornos, simplificações e alterações de linguagem e interpretações pessoais da realidade divergentes em cada contexto, mais fácil a supressão! homo invisibilis, esse grandioso acumulador de revoltas nas suas vísceras perante as selvagens da Ordem. E o homo amestrado? Subserviente das vontades alheias e coveiro das suas. Outros. Outras coisas. E no âmago de muitos reside o esterco nauseabundo acumulado, ansioso de uma libertação, no espaço-tempo onde as explosões se dão resta o questionamento. Vinganças ou actos de estupidez? Folclores ou artes? Máscaras ou hipocrisias? Dupla-personalidade entre um «Eu» individual e um «Eu» social ou xamanizações entre ambos? Potencialmente a bifurcação seja quase sempre a melhor forma de sobrevivência, mas não a mais natural.

Provavelmente, o acto instintivo que mais surge seja o do primitivismo, uma regressão a um parente próximo do homo hereticus, nunca mais livre após socialização, o Caos dei-

xara de o ser na presença da Ordem, acção e reacção, e aí poderia residir a utopia social, a organização horizontal orientada pela livre associação de indivíduos, em partilha de objectivos comuns num ou mais espaço-tempos, alusões primitivas às organizações de formigas, seguir tais estruturas com o olhar, e percepção, poderá originar uma criatividade social isenta, ou quase, de entulhos sociais. Competições? Nem por isso, mutualismo. Transportando esta ideia para as sociedades de potenciais Humanos, teríamos a evolução em mutualismo constante, equiparações de capacidades Humanas, as reais, as instintivas, as racionais, albergando distribuições naturalistas, se chegarem dez maçãs a um Homem que seja feliz com elas para que quererá ele cem? Competição? As possibilidades de alterações dos ecossistemas são reais, em abundância e estruturas horizontais onde estaria a competição? No dogma. O homo stupidum ocupa tempos livres e presos na destruição de tais utopias. E que erro social... Contra o betão com palitos? Iluminação de todos os indivíduos e evolução permanente? O betão impossibilita a iluminação, e a revolução faz-se e desfaz-se, quando deixa de o ser não o é, morre o evolucionismo, e os governos revolu-





cionários... elaboradores de Ordem e Desordem, constroem e destroem no mesmo espaço-tempo, e no simples acto governativo residirá a revolta do indivíduo! Como a estupidologia se afigura como a forma mais simples e eficaz de sanar o trauma! Estupidifique-se a maioria, no ciclo vicioso, o homo stupidum quer estupidez, a estupidez angaria «Eus» sociais para si própria; epidemia incontável; ora a maioria de uma sociedade pode ser controlada para um conformismo, uma consciência reduzida, uma submissão a qualquer verborreia oriunda de uma hierarquia bem elevada, dissimulada em porta-vozes folclóricos, em lavagens cerebrais publicitárias, em circos de ilusão de massas, e eis o poder do maior número em vez dos mais capazes! Ditadura da maioria e ciclo mantido, e os indivíduos? Para os cantos do círculo social!

Análise-se esse homo stupidum, como interagir com ele? Complexidade extrema! Come lixo pensando ser delícias, efectua enormes revoluções, mas são de trezentos e sessenta graus! E como três é igual a um na sua mente, um deus de vacuidade máxima é igual à soma de um condutor de camelos brutalizado, uma virgem estúpida e uma pomba tarada sexual! Por sexo em cima de nuvens com setenta e duas virgens explode automaticamente! Por um papel nojento, malcheiroso e de higiene duvidosa; embora não se duvide que não a tenha; ladra e rebola! Por necessidades de ser domesticado rasteja, bate palmas a qualquer circo que lhe lave a mente, e aí de quem ousar em lhe tirar a trela ou a isso aludir! Eis então a verdadeira revolta do homo stupidum!

Na ditadura da maioria têm de se impor idolatrias, não existindo tais construções de vassalagem surgiria



***Provavelmente, o acto
instintivo que mais
surge seja o do primi-
tivismo, uma regressão
a um parente próximo
do homo hereticus,
nunca mais livre após
socialização...***



BM Resende (www.bmresende.net)

o colapso social, virtudes da individualidade se emanariam, e quantas formas de idolatria existem? Infinitas ou mais. E a individualidade? Afoga-se na estupidologia quase sempre. Exemplos... Bandeiras com cores ao pontapé que são apenas bandeiras com cores, um pedaço de pano que a Ordem manda idolatrar. E o individualista faz uma bandeira de si para si próprio com as suas cores e ergue-a bem alto! Cruzes com um condutor de camelos brutalizado lá espetado, pedaço de madeira e esterco da castração que a Ordem manda idolatrar. E o individualista faz uma masturbação a si mesmo em glória de si próprio! Pedacos de papel malcheiroso, nojento, sujo, e a Ordem manda idolatrar, e juntar o maior número possível, e ainda roubar o dos outros, e manda que a estupidez só se contente quando elas começarem a sair pelas orelhas e pelo ânus! E o individualista troca, partilha, escolhe, recolhe e distribui, os fins que pode ter tão estranho e estúpido papel! E que diz a Ordem? Idolatra as minhas lavagens cerebrais e esquece a arte individual, lambe-me as nádegas e afoga-te no meu esgoto! Mas esta haeresis é tão simples...

Lixo, lixo, lixo, e muitos cansam-se de procurar... eis uma vocação da individualidade, o mutualismo, o prazer em acrescentar algo nosso em alguém, a fecundação que poderá gerar, e tão-somente gerar. E nas individualidades que se façam objectivos comuns, em abstracto na criação, diversidade, pluralismo, em objectividade na destruição do lixo ideológico, no mutualismo de comunidades de individualistas, que se faça a cria-

ção de cada um, que se aproveitem as capacidades ao máximo, que se faça o conflito e a competição com o homo stupidum e a Ordem, e que o espaço não se encolha mas aumente, a liberdade não é, nunca foi, nunca será, mas a vontade de a ter em absoluto dilacera a idiotia social e proporciona as mais sumptuosas experiências! À chapada responde-se em dobro, à opressão em dupla libertação, contamine-se com a criação e destruição, à fogueira ateadas por um revoltado solitário que se mutualize a individualidade, que se junte mais gasolina!

Qual predilecção para a oposição tenaz? Naturalmente pelas naturalidades de quem se afigura como natural, simbioticamente falando, mutualisticamente agindo, quais as potências mais capazes de combater circos de graves pathos sociais? À competição entre indivíduos em terrenos férteis surge o dogma, e o circo social ganha em folclore, perdem os indivíduos tempo e energia, potencialmente mais bem gastos em simbioses de concretizações superiores, ouse-se trilhar bem perto do equilíbrio, objectivamente falando ele não existe, mera assunção ideológica que alarga horizontes e perspectivas, lucidez em momentos para ela orientados perscruta a direcionalidade abstracta e o trilho objectivo, desviado sempre, mas minimalizando esse mesmo desvio, não esquecer que os nomianismos nunca cessam de existir.

E que luzes foscas são aquelas que pairam sobre os palcos do individualismo? Uma epopeia de interações Humanas onde a vontade afronta a liberdade dos outros, supressão surge



como o apogeu na arte do ignobilíssimo pathos individual, uma rocambolesca incitação ao desperdício de tempo e energia numa luta acérrima constante, contra si próprio se a solidão emergir! Tais fecundações de selvajaria estupidológica por vezes nascem, ramificam, e os ramos lutam entre si pela necessidade de competição, objectivos de vivência solidificados na inconsciência, e pois claro, a individualidade não é a Ordem pes-

*E que diz a Ordem?
Idolatra as minhas
lavagens cerebrais e
esquece a arte indi-
vidual, lambe-me as
nádegas e afoga-te no
meu esgoto!*

soal para os outros, apenas um Caos interior de geração, de correspondências entre instintos, razões e acções, para lá do bem e do mal, contaminador e engrandecedor de mutualismos externos ao homo stupidum, e ramificações de espécies circundantes. E ousa-se dizer que a única forma de bem-estar é a solidão? Pleno de individualidade? Arredado dos equilíbrios de complexidade enorme? Mas sabe-se que a solidão Humana é quase impossível, ou muitas vezes completamente impossível, o perfeito não-contacto com ninguém é um extenso abismo, ora ler um livro é estar

em contacto com alguém, ouvir música também, retirem-se todos os espectros de presenças Humanas e fique-se com a solidão, loucura! Enverede-se pela loucura, mantenha-se a solidão, a plena claro está, o caminho fácil do suicídio, por coragem ou cobardia, as hipóteses serão um leque extenso. Se o bem-estar Humano necessita de interações com mesmos seres, a busca pelo mutualismo nas interações pode ser elevada a outro patamar, ao grupo de individualistas, que poderá certamente multiplicar as capacidades individuais e abalroar com mais potência os surtos de pathos sociais, uma intempérie bem real! E fórmulas, outras fórmulas para o equilibrium?

A individualidade, o naturalismo e o mutualismo fazem-no gerar de um Caos, ares puros na mente e no corpo, um possível rumo. •





Krampus - um mito Alpino

Ou como uma mentira se transforma num feriado religioso

Devis DeV deviLs g.



Mattias Traberg (viking-heart.deviantart.com)

De uma forma misteriosa, os costumes antigos são como forças naturais e quanto mais ancestrais são, mais tenazes conseguem ser. São tão poderosos que nem as igrejas contemporâneas conseguiram erradicar as raízes pagãs de muitos “feriados cristãos religiosos”. Todos os estudiosos de história antiga sabem que 25 de Dezembro foi o dia que o Imperador Romano Marcus Aurelius Antoninus “Heliogabalus”, escolheu para celebrar o “Dies Natalis Solis Invicti (o aniversário do Sol inconquistado)”. O feriado religioso foi colocado precisamente nesta data,

poucos dias depois do Solstício de Inverno e da “Saturnalia” Romana (um dos maiores e mais importantes festivais públicos em Roma, quando os romanos comemoravam a sua dedicação ao templo do deus Saturno, de 17 a 23 de Dezembro), porque esta é a altura em que o Sol reverte o seu sentido e ao ir em frente prova que é inconquistável!

Como é que os cristãos tentaram eclipsar o Sol Inconquistado, o glorioso “Sol Invictus”? Não era possível, por isso fizeram aquilo em que são bons: contaram mentiras. Foi assim que surgiu o “natal”.

É improvável o crescimento de pinheiros no deserto da Palestina e hoje em dia os países do norte da Europa chamam à “Árvore de natal” a árvore “Yule”, para representar o nome pagão original. Mas, e o Pai Natal?

Não, não quero falar de renas voadoras e trenós mágicos, quero desviar a vossa atenção para os ajudantes do pai Natal. Quem são? Elfos?

Não, demónios! DEMÓNIOS!

Sim, estou a falar dos amigos íntimos do homem gordo e de barbas brancas que tem um casaco e calças



vermelhas com tiras de pêlo branco e cinto de cabedal e botas. Oh, oh, oh!

Não é assim tão estranho como se poderia pensar, uma vez que o Pai Natal resulta de uma agregação de elementos fortemente interiorizados, que vêm da mitologia nórdica. (Aqueles que já se encontram curiosos acerca deste tema podem procurar mais informação em "When Santan was a Shaman" um livro de Tony Van Renterghem. É barato e tem uma bibliografia intensa para provar que as raízes do Pai natal são mais pagãs do que cristãs.)

Sim, os cristãos acham que ele é São Nicolau, um bispo que alegadamente viveu num local não muito longe do Pólo Norte e que actualmente damos o nome de ... Turquia!

O turco "São Nicolau", que é um

santo bastante estranho, uma vez que nunca foi oficialmente canonizado, viria a tornar-se no Pai Natal. E como este tipo de híbrido foi implementado juntamente com os costumes ancestrais, foi sobrevivendo nas partes mais rurais da Europa, desde a Austria à Bavaria, desde a Eslovénia ao noroeste italiano, tornando-se no "São Nicolau", "Velho Nicolau" e partilhava as mesmas noites de Dezembro. O demónio de tempo inverniais tinha muitos nomes, Knecht Ruprecht, Percht, Pelznichel, Klaubauf e aquele que era mais comum KRAMPUS.

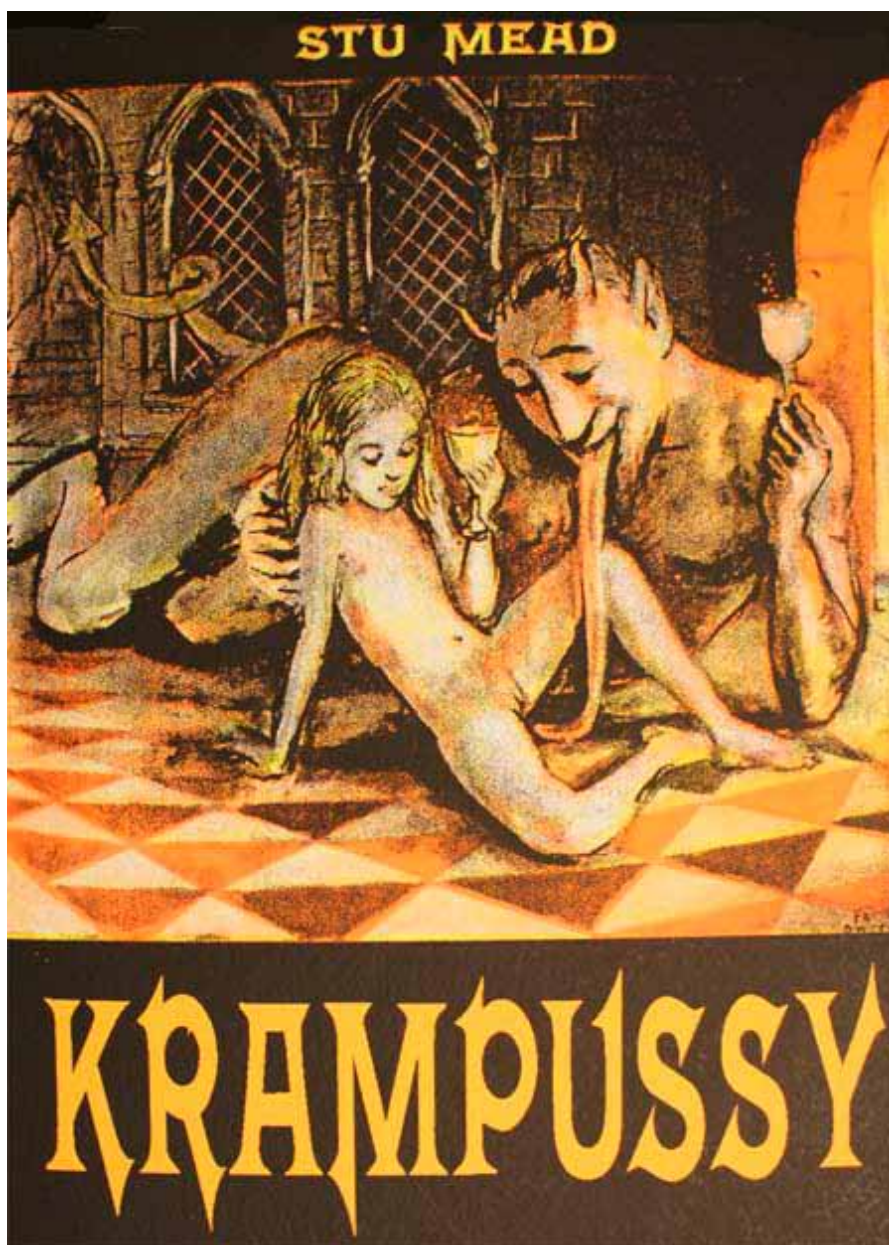
De acordo com a sabedoria antiga o Krampus e o Pai Natal visitariam as casa de forma conjunta, durante a entrega de presentes, mas enquanto que o São Nicolau dava presentes às crianças boas, o krampus assustava,

De uma forma misteriosa, os costumes antigos são como forças naturais e quanto mais ancestrais são, mais tenazes conseguem ser.

batia e até raptava as crianças más, fazendo uso do seu cesto de vime e de correntes. Mas não se pense que o Krampus era algum tipo de empregado do Pai Natal. Ele mantinha uma forte individualidade e ainda hoje continua a ser mais popular nas zonas rurais, enquanto que nas cidades é o São Nicolau. Quem sabe? Talvez o casado vermelho do Velho Nicolau tenha um carácter mais "urbano", do que um casaco de pêlo preto. No entanto o Diabo, é o Diabo e como sabem o rude e áspero Krampus não era facilmente posto de lado para prevenir que o inferno fosse libertado.

Por isso, embora ele só tenha um dia por ano, ele conquistou praticamente todo o tempo de Inverno, como é facilmente visível se passarem as férias nos terrenos rurais da Europa central. Podem ter uma experiência total apenas com um fim-de-semana de felicidade trazida pela bebida e cheia de simbologia satânica durante a "Krampusstage (Dias do Krampus)". Por essa altura é bastante fácil encontrar homens vestidos de peles e com cornos e chicotes na mão e máscaras de esqueletos a complementar. Eles vão a todos as casas onde habitem crianças pequenas e quando os pais abrem a porta eles entram e agem de forma grutesca, gritando e agitando os chicotes. As crianças gritam e só depois de terem um bom susto é que os pais convidam os Krampus a sentarem-se e a beberem alguns shots de kirsch, schnapps, ou vinho e cerveja.

Também existe a Krampusfest, com verdadeiras procissões de diabos durante a noite. A Krampusfest é uma festa de aldeia que ocorre na escola local, centro comunitário ou num edifício suficientemente gran-





Krampus - um mito Alpino

de para conter algumas centenas de aldeões bêbados. Por vezes a festa ocorre uma semana antes ou depois do Dia do Krampus, para desta forma aldeias vizinhas poderem participar, transformado o que era originalmente uma noite para assustar crianças, num festival de 3 semanas. Os antropologistas têm assim um vislumbre do mito do "Homem selvagem", com todos estas manifestações demoníacas. E realmente a altura de Inverno é a ideal para celebrar a vida com bebida, festas e até "flagelação", tal como os antigos romanos faziam durante os dias de "Lupercalia", quando alguns homens corriam à volta das muralhas antigas de Roma, vestindo apenas pela de cabra e chicoteando as raparigas para assegurar a fertilidade. E na verdade, embora o Krampus se direcione para as crianças, não descarta as raparigas bonitas. Mui-

tas vezes o peludo Krampus pode ser visto a ser enganado enquanto agarra uma rapariga bonita com as suas corrente.

Desde o séc.XIX que existem muitos postais a celebrar o Krampus. Podem ver o Krampus a assustar as crianças e pô-las em lágrimas, ou por outro lado deixar que as crianças brinquem com ele. O Krampus não desdenha da tecnologia uma vez que pode ser visto a chegar de comboio, a voar em alguma aeronave ou a guiar um carro.

O Krampus pode ser visto a carregar um cesto cheio de gente de variadas idades. Mas as ilustrações mais enfeitantes são aquelas que ilustram o Krampus como um cavalheiro sedutor, ou a chegar sorrateiramente à porta de uma mulher, ou a espiar entusiasticamente uma cena amorosa picante, mas a maioria das ilustrações tradicionais não

continha uma parte sexual explícita. Há postais com mulheres voluptuosas para a audiência masculina, mas normalmente o Krampus é retratado como o papão mau que pode invadir qualquer quarto. Ele é peludo, cornudo com cascos e com uma longa língua vermelha que está sempre esticada.

Uma língua inconfundivelmente fálica, realmente característica de um Diabo verdadeiramente "cornudo e excitado", pelo menos como tem sido pintado pelo artista Stu Mead, com trabalhos contemporâneos de sexo explícito intitulados "Krampusy".

Dezembro está aqui, não reparem nas "massas de cristo (christ-mass)" e escolham o "Krampustage", escolham dias de frenética inebriação com álcool, comida e... "algo mais"! Vamos festejar com o "Satan Klaus". Gruss vom Krampus! •



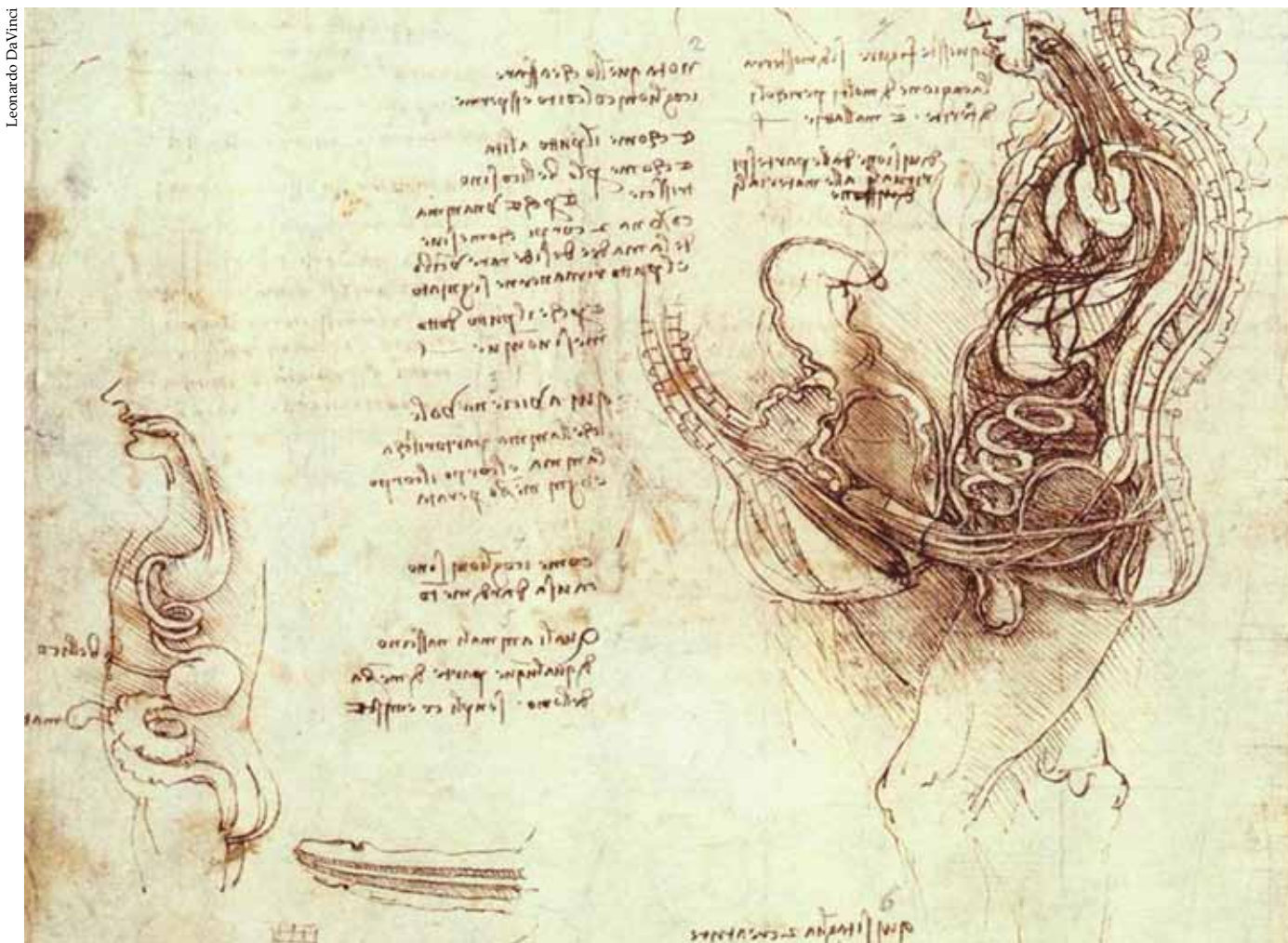
Elissa Brown (foolish-mortal.xepher.net)



Educação Sexual Precisa-se!

Para os mais pequenos, e não só...

Joana Fernandes



No decorrer dos nossos tempos é cada vez mais comum tudo nas crianças ser precoce.

Desde a mais simples acção, até ao pensamento mais atípico. Cabe-nos a nós educadores, por isso, saber gerir essa (boa) tendência de modo a que, as crianças de hoje em dia sejam, num futuro próximo, adultos de mente aberta, criativa, e que saibam usar essa mesma criatividade e inteligência em secções construtivas do seu quotidiano.

Pareceu-me portanto pertinente, enquanto satanista, lançar-me numa espécie de tempestade de ideias, em torno deste tema, que toca, ou tocará, cada um de nós (quem sabe), num próximo e casual contacto com uma qualquer criança do nosso mundo.

Posto isto, exponho aqui a minha vivência, com o meu grupo de pequenos (grandes) miúdos, com que estou todos os dias, desta vez, abordando um tema, que me tem ocupado, com uma parafernália de diálogos e jogos. – A Sexualidade.

Educação sexual, propriamente dita, não existe no 1º ciclo, mas deveria existir por completo em casa, juntos dos pais, e daqueles que se dizem educadores, por forma a que não se vulgarize, pelo espectro negativo da palavra, da forma como observo, aquilo que é o mais natural e humano de todos os “sentidos”, o sexo.

Tendo observado, conversas e actos, que os miúdos têm tido ao longo destes últimos dias, achei urgente dialogar com eles, e tentar compre-

ender as dúvidas e as incertezas nas suas cabeças puras, e 100% instintivas.

Algumas meninas, de há uns tempos para cá, têm-se vindo a queixar das regulares apalpadelas, nos “sítios menos próprios”, por parte dos meninos da sua sala (meninos de 8 e 9 anos), para além do constante uso da palavra “sexo” em tudo, e dos desenhos quase sempre demonstrado o acto sexual, de forma clara e explícita.

Procurei por isso, junto deles saber o que se passava... E comecei... “Tenho vindo a observar que, ...”, ...“O mal não é falar de sexo, o problema é não saber do que se fala, e tornar isso vulgar”, ...“Antes de mais respeitem o vosso corpo, entendam-



A descoberta do corpo, e da sexualidade, é algo de inato e está entranha- do no código genético de cada um de nós.

no, só assim um dia terão uma vida sexual plena e feliz, como é o desejável". E prossegui... "Perguntem-me o que quiserem sem inibições de qualquer espécie, eu respondo, e ajudo, mas apenas se conseguirem ter esta conversa de uma forma séria e, como um modo de aprendizagem"...

Toda eu ria por dentro, tinha conseguido captar nesse instante, a atenção de 20 "putos", que até à 5 minutos atrás, só queriam saber de tudo menos estar com atenção ao que quer que fosse.

E então começaram a surgir as perguntas... as perguntas que eu adoro, por serem tão cruas, tão sinceras, tão simples... afinal, tão humanas.

Começou um deles, ... "Posso perguntar mesmo tudo aquilo que eu quiser?... ", ao que retorqui, "É claro!", ... "Já fazes sexo?... " ... Resposta imediata - Sim.

Para minha surpresa não houve risos, nem troça, apenas outra pergunta instantânea... "Isso quer dizer que os meus pais também o fazem?" ... Resposta - "É claro que sim, sobretudo se forem um casal feliz, como julgo saber, e tu um dia também o farás"...

Obtive um sorriso terno, nada mais. Muitas outras perguntas se insurgiram logo a seguir a esta, e acabei o dia indo para casa a pensar, como é possível os pais não falarem, não esclarecerem os filhos, sobre uma tema tão do senso comum!?

Muitos deles, nem sabem, como é ao certo a concepção de um ser humano. Como é possível... Mas é.

Começa na escola esta falta de informação, e de esclarecimento, quando se quer que crianças de 8 ou 9 anos apenas saibam do aparelho reprodutor do Homem e da Mulher. E as questões que cada um deles tem? E a descoberta normal do corpo? Ignorar isto, é (desin)formar mentes

tacanhas e tímidas para enfrentar a sua própria vida sexual, e a de um possível companheiro(a).

Julgo a meu ver, que primeiro que tudo, há que lhes explicar o respeito que cada um tem que ter pelo seu próprio corpo, não querendo isto dizer que cada um não faça com ele o que muito bem entender, desde que se sinta realizado e satisfeito com isso.

Depois sim, conversar e esclarecer, que o sexo, para além de uma necessidade fisiológica, é algo de carnal, visceral e humano, e que qualquer espécie de amputação, seja de que nível for, neste espectro, é incorrecto para o bem-estar psíquico e físico de cada um.

Um dos manuais de apoio, que mais frequentemente consulto, sobre este tema, "Educação Sexual na Escola, Guia para Professores, Formadores, e Educadores", toca em vários pontos, que me parecem relevantes de serem aqui apresentados no âmbito da minha exposição. Passo a citar... "Hoje reconhece-se a necessidade e a importância da Educação Sexual Escolar, por instâncias internacionais tão significativas nos campos da educação, cultura, infância, juventude e saúde, como a UNESCO, a UNICEF, e a OMS". Esta última apresenta um conceito de sexualidade que está na base deste trabalho: "uma energia que nos motiva a procurar o amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interações e, por isso, influencia a nossa saúde física e mental".

Tendo ainda como objecto de apoio central este manual, podemos dividir a chamada Educação Sexual, em 4 grandes áreas, que me fazem todo o sentido; as Expressões da Sexualidade, o Corpo em Crescimento, as Relações Interpessoais, e a Saúde Sexual e Reprodutiva.

As expressões sexuais, no contexto de sabermos reflectir, sobre a forma como cada um expressa a sua sexualidade, e a liberdade consequente disso mesmo.

O corpo em crescimento e as relações interpessoais devem ser vistas, a meu ver, como modos de aprendizagem e, de certa forma, de introspecção sobre a nossa própria maneira de lidarmos connosco, e com os outros.

E por fim, a saúde sexual e reprodutiva, como um fim, um género de

um happy end, no meio de todos estes processos que acabam afinal por levar há construção de uma vida sexual feliz e satisfatória.

A descoberta do corpo, e da sexualidade, é algo de inato e está entranhado no código genético de cada um de nós. Basta sabermos lidar com isso da melhor maneira, mostrando aos mais novos que fazê-lo o melhor possível não é mais do que proporcionarmos-nos a ter uma sexualidade esclarecida e plena de satisfação, para que um dia mais tarde possamos também proporcionar isso, a quem quisermos como parceiro destas andanças... •



Leonardo Da Vinci



Voltagem em Overclock

Mosath



De início, o Homem comunicava de forma muito limitativa, através dos gestos primitivos, posturas primitivas, acções primitivas e tudo isso se passava num território primitivo e circunscrito, pequeno, em rebanhos humanos, os quais caçavam em número e viviam em número. Eram os tempos em que se denominavam de tribos ou clãs. O Homem encontrava-se em evolução e com ele a aptidão de novas formas de comunicar com/no mundo. Pelos métodos do desenho nas paredes/cavernas, pela linguagem dominada e pela escrita inventada, o Homem adensou-se num boom evolucionário, tanto a nível interno como externo, tanto em termos de aprender a expressar-se de forma mais autêntica como a deixar-se influenciar/crescer com as diversas informações e acontecimentos à sua volta.

A base da interpretação – assimilação e o conseguir interpretar e o dar a assimilar.

O Homem sempre procurou engrandecer-se, marcar o mundo, mudá-lo, apenas visualizá-lo ou tornar-se vaidoso dele/com ele e, por várias etapas na História, ainda o fez. A conquista da linguagem, o domínio sobre a fabricação de materiais e ferramentas, tanto as mais quotidianas e de sobrevivência

como as artísticas e lúdicas, fez embarcar o Homem numa jornada em que sempre foi o protagonista, o mago, mas com outras noções. Essa viagem é a da evolução da comunicação, informação e tecnologia. Viagem que pode ser tomada de forma simples: viagem que é plenamente avaliada numa componente de força e num carácter conquistador dignos do Satanismo.

O semblante desmistificador e a projecção real do mais à frente que a tecnologia nos dá são faces satânicas, porque são fisionomias do elo gémeo do carácter natural do Homem, que obra com as suas mãos os seus pátios de melhoria mundana.

A tecnologia evolui por meios de transporte, utensílios melhorados para as casas, ferramentas de trabalho e caça, equipamentos de lazer – o rádio, a televisão, o telefone. Muitos de nós lembram-se do sentimento aquando da chegada do telemóvel ao mundo; de como vimos as nossas vidas rodeadas de ligações por telemóvel, por números enfiados em satélites, por chamadas constantes para tratamento de negócios, dos afazeres variados ou relacionamentos pessoais/privados/sociais. Em cada casa/em cada bolso deverá, hoje em dia, existir um telemóvel ou em termos de

médias, com sinais matemáticos, meio telemóvel. Estes dias, posso contar, fiquei sem o meu telemóvel. Repentinamente fiquei privado dos meus contactos telefónicos, de mensagens que fui recolhendo e guardando e outros itens de importância. Repentinamente, a tecnologia pregou-me uma rasteira daquelas, caindo redondo no chão e tudo isto, porque não fiz atempada e/ou espontaneamente um backup a tudo o que eu tinha. Um dos pontos que tem que ver com a tecnologia é que devemos de antecipar aquilo que a mesma poderá despontar, senão esta bate-nos. A culpa poderá ter sido minha, sim, mas com o ritmo leal e desempenhos profissionais que esta me oferecia, no telemóvel, não me entrava na consciência, naturalmente, as acções de prevenção e de cepticismo, um pouco negativo talvez, para guardar resolutamente o que me fazia jeito.

Plano bem ao jeito dos humanos, que se devem antecipar/prever desvantagens para não berrar alto um dia. A experiência de erro fica sempre e a tecnologia sobressai-se nesse adágio; o que é óptimo!

Voltando um pouco atrás, foi um caos pegado ter ficado sem os meus dados pessoais devido a uma avaria



que não calculei/imaginei. Esta dependência assusta-me, porque sei que um gadget guarda muitos valores pessoais que, inflexivelmente, nos podem escapar de um dia para o outro. Guardados, mas não acautelados. Porventura, muitos de nós encerra grandes segredos e materiais únicos em gadgets que mostramos todos os dias a outras pessoas: prolongamentos dos nossos corpos/seres. Num futuro distante, poderemos ter que passar informações demasiado pesadas para dispositivos tecnológicos, para assim aliviar a massa do nosso crânio. Consolidar informação vital fora de nós. Aí teremos a maior dependência de todas: ter que pesquisar externamente por aquilo que sempre se encontrou internamente: o pensamento de conhecimentos, os conhecimentos do pensamento.

Um foco do mundo novo muito brilhante, etapa desde a aldeia global, é sem dúvida o que se condiciona na Internet. A Internet, serviço mundial de rede e partilha de dados largamente acelerada, ensinou-nos as maravilhas do mundo; ensinou-nos a ir a qualquer lado do globo sem muito esforço físico, sem sair de frente de um monitor ou vários; ensinou-nos a abrir portas para o novo mundo tecnológico e ensinou-nos a máxima de que tudo é possível através do engenho e da cooperação humana.

A bonança, enquanto inventores dos multiculturalismos.

A Internet, inicialmente uma rede

limitada em alcance e acesso, desenvolveu-se exponencialmente, como de resto é norma na tecnologia e informática, trazendo para todos a faculdade num novo tom do livre arbítrio, da responsabilidade das pesquisas e da liberdade de edição e remodelação de princípios básicos, como a expressão, a interação e a aprendizagem humanas. Todos podem usar as ferramentas da Internet para seu próprio prazer, para exposição de ideias ou simples eliminação da formatação tradicional. Um outro capítulo estupendo.

A proliferação da informação, da troca de personalidades e comércio, ciberneticamente, tendo vindo a crescer e pouco indica cenário oposto. As gerações humanas tendem a evoluir, moldar os seus genes para estas eras informáticas e praticamente ninguém se surpreende com a facilidade com que aprendemos a manusear computadores e outras plataformas, que não nasceram no nosso berço ou cama de hospital. Sendo assim, falamos das capacidades tecnológicas, cada vez mais inatas, do ser humano do século XXI; mas do XX também.

O Satanismo, veia filosófica com roupa interior elegantemente religiosa, está presente no mundo desde o primeiro dia do Homem ou Macaco. Mais recentemente, a partir do dia em que um determinado homem catalogou tal disciplina superior, a Internet veio claramente favorecer a implementação linear, aos poucos, da essência satânica pelo globo, as suas linhas de acção,

indução e natureza. Falei sobre este aspecto para agora falar noutro aspecto, o aspecto da abundância de conteúdo com o nome Satanismo, mas que trespassa a desinformação e estupidez. A Internet faz-se em duas faces: uma é a base de dados que guarda informação de identidade verosímil e a outra que guarda cascalho e trivialidades. Nesta lama ambígua, a Internet existe e é neste ambiente que tentamos diferenciar aquilo que nos pode colocar em melhor ou pior posição, sob animador crescimento inteligente. Os Satanistas souberam, ou talvez souberam e vão sabendo, ou talvez saibam, usar a Internet para se auto-engrandecer, para desmistificar máscaras em torno do assunto ou evoluir uma corrente de vida através de feitos, artes, experiências e associativismos.

Tal processo complexo que liga/ligou Satanistas de diferentes cantos e recantos do planeta a cooperarem, a brindarem e a avançarem uns com os outros, de segundo a segundo!

Hoje em dia, o Satanista também utiliza a Internet para fins variados, entre os quais lazer, trabalho e projectos a longo prazo. Deverá saber dar-lhe o fim mais adequado possível, sendo um meio adequado, afastando-se de vícios, exageros e dependências que vão contra aquilo que no fundo o Satanismo representa: liberdade, instinto, prazer de pensamento e acção real. Satan tem procurado entrar nos sites mais favoráveis e aprazíveis e tem-no feito, pois tem sorrindo e vencendo ao ritmo das

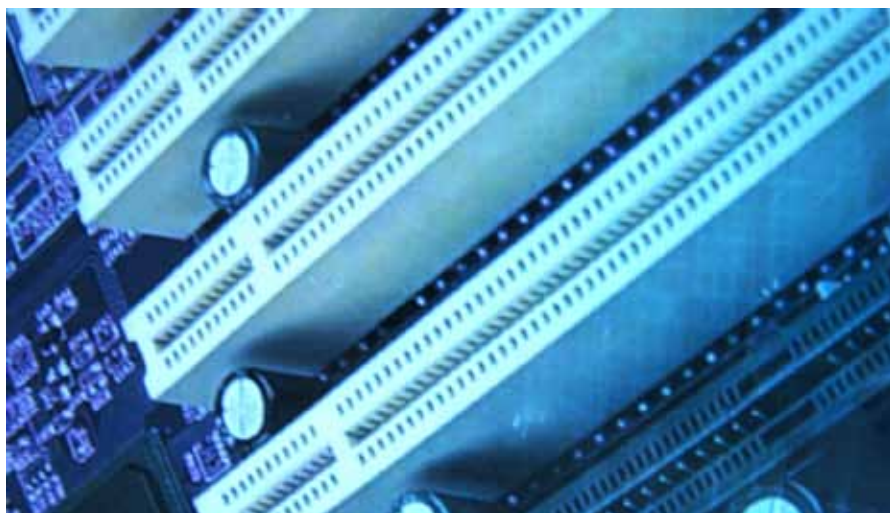


luzes que piscam num router de numerosas ligações!

A rede mundial cibernética está repleta de projectos e indivíduos por detrás de monitores que fazem as rodanas fumegar. Criações novas não deixam de mostrar os seus narizes e o Satanismo da Era Moderna mostra a sua capacidade de adaptação e total aproveitamento das novas tecnologias. Permitam-me uma passagem burlesca: Bill Gates deverá ser Satanista, pela capacidade dele em ter compilado com resultado as lógicas científicas necessárias para vencer num mundo tão religioso! A sua identidade tão perversamente oposta ao comportamento evangélico do não questionamento das possibilidades humanas sobre demais! Divindade tecnológica sobre divindade obsoleta; a corrente de bits sobre a pasmaceira da reza!

Vamos avançar na viagem. A voltagem que a tecnologia está a hastear aumenta para níveis altos, de dia para dia. Por um lado de normal observação, muitas pessoas anseiam em ter camadas tecnológicas mais avançadas no seu quotidiano. Com o presente da tecnologia e com o seu provável forte futuro, poderemos escrever que muitos dos ramos da sociedade terão francas alterações, claramente favoráveis. Por exemplo, no ramo do trabalho, há a descarga de voltagem para programas mais simples, mais capazes e identidades/entidades com filosofias de mercado modernas; no ramo do lazer, diversões de perder de vista (música, jogos, filmes, gadgets mais extraordinários, recursos de informação abertos e desenvolvimento à distância, computação e programação em tempos livres amadoras, que têm oportunidade de ser aplicadas numa qualquer empresa de topo); no ramo da medicina, equipamentos e instalações mais modernas, mais computadorizadas e inteligentes e os desejados recursos à investigação de elite em termos de doenças numa vertente pragmática, com vista ao prolongamento da esperança média de vida humana (curas individuais cada vez mais ao alcance do Homem).

O Satanismo deseja, aposta na vertente cada vez mais avançada, capaz e tecnológica do mundo, mas vê essa



aposta como um trilho que deve ser pisado da forma mais intrínseca possível, de modo a que a essência da liberdade do Homem através da criação artesanal, do afastamento para pensamento/reflexão e a natureza mais básica, que não se lance para os prejuízos. Com toda a certeza, o Satanismo pretende a conquista de métodos modernos e novos mundos, da exploração científica avassaladora, mas não irá viver de acordo consigo mesmo, num mundo que traga placas informáticas e cabos para subjugar o pensamento e a acção com mãos e pés, com um condimento de sentimentos primitivos. Há que saber ser, existir, verdadeiro.

O Homem tem feito evoluir as vistas da sobrevivência e do estudo da mesma, presente e doravante. Soube estes dias, através de uma reportagem televisiva, que existe um departamento que estuda o embate entre partículas, os seus efeitos e perfis. Basicamente, são colocados dois tubos gigantes, por debaixo do solo, com um longo comprimento e em círculo: um leva protões e o outro antiprotões. Em sentido circular e de modo a se confrontarem, as partículas rebentam as suas energias, libertando resultados disso mesmo. Então os investigadores lêem todos os monitores ao longo do processo. Esta forma de análise – é de salientar – acontece a uma imensa velocidade e numa repetição incrível de passos.

Retornando às descargas de voltagem de tecnologia no mundo futuro, escrevo agora acerca do ramo da nano-

tecnologia, do futurismo e da utopia. Tenho pensamentos confusos sobre institutos e histórias da nanotecnologia; sobre a acção das células estaminais embrionárias; sobre os tratamentos pela monitorização futura e reconstrutiva do sistema biológico do Homem; sobre as oportunidades das mutações universais ao nível molecular; sobre nanoestruturas e nanofilosofias; a mudança do espírito humano, aquando da mudança de planeta, com viagens, desprendimentos da terra/Terra e afixação no espaço sideral e viagens universais, deixando de ser um sedentário-colector para se tornar num nómada-colector-extraplanetário... ou algo do género. O Homem de novo no centro do Universo, centro esse depois um ponto de tecnologia, uma máquina, uma consciência de bits, gigabytes, terabytes, petabytes... etc.

Clonização e transmissão de partes vitais em clones pertencentes a cada humano, para aumentar a vida, a força, a saúde.

Inteligência artificial, os dispositivos robóticos no homem. A nanotecnologia será deveras uma realidade. As máquinas estão cada vez mais potentes, mais velozes, mais artilhadas e mais eficazes. Não numa escala linear, residindo aí o peso brilhante da coisa, mas numa escala exponencial. Sublinho, o mundo tem avançado de uma forma incrível e não temos muitos registos de que a informática, a ciência, a tecnologia, venha a derrapar nos anos futuros. O Homem tem à sua frente as ferramentas e metas

Um dos pontos que tem que ver com a tecnologia é que devemos de antecipar aquilo que a mesma poderá despontar, senão esta bate-nos.



mais fabulosas para criar poder, para desvendar cortinas e para se aperaltar. As linguagens de programação, as formações de investigação tecnológica e de sistemas informáticos, têm vindo a emergir de forma mais simplificada e significando também melhor, com mais qualidades e desempenhos para criação de estruturas internas e de informação revolucionárias, ante o sucesso de evoluir o mundo num futuro muito promissor.

O advento da tecnologia iniciou-se de forma expansiva, contagiante, atracente. Continuou de forma livre, muito simpática e viciante. O Homem quase será agora lembrado como um dos seus inúmeros braços, braços esses que foi o próprio que criou. Tecnologia essa dependente do ser criador. Criador esse

dependente da sua criação ou das criações da sua criação. O fabuloso da evolução da tecnologia respira a revolução chamada nanotecnologia, ou tecnologia à escala mínima. A nanotecnologia é uma combinação de dois termos, nano e tecnologia. É visível que a nanotecnologia é uso de conceitos científicos, ao nível das moléculas. Uso que tenta fabricar materiais de consumo com insígnias únicas.



A nanotecnologia mostra em si mesma a penetração dos produtos de consumo como computadores, tapetes, pastas, recipientes de armazenamento, purificadores do ar, curativos, tacos de golfe, protectores solares, componentes de computadores e outros. A palavra nanotecnologia foi primeiro usada em meados dos anos 70 do século XX, por um professor japonês. No entanto, a definição mais popular da palavra foi feita pelo engenheiro americano K. Eric Drexler. A definição deste tinha que ver com o Assembler, uma máquina construída que na nanotecnologia tem a capacidade de reprodução de si mesma e de criação de cada vez maiores e complexos itens. Eric Drexler ambicionou a construção de máquinas, à escala molecular, de nanomotores, de braços de robô e computadores completos – muito mais pequenos do que uma célula, foi bastante acusado de ficção científica.

A definição de nanotecnologia, ao longo dos anos, tem-se expandido, já que abrange agora uma variedade de tecnologias e disciplinas científicas, com o mesmo fim de aplicação ao nível molecular. A nanotecnologia está asso-

ciada a diversas áreas como a medicina, a manipulação molecular, a electrónica, a ciência da computação, a física, a química, a biologia, a engenharia de materiais e a pesquisa e produção na escala nano.

A nanotecnologia (escala minúscula, escala atómica) é o entendimento e controlo da matéria em dimensões que chegam a ser aproximadamente entre 1 e 100 nanómetros. Na nanoescala, a engenharia e a ciência (nanotecnologia) envolvem à mesma a imagem, a medição e a modelação de matéria muito pequena. O princípio básico da nanotecnologia é a construção de estruturas e novos materiais a partir dos átomos (os tijolos básicos da natureza) e é uma área promissora, que mostra resultados surpreendentes na produção de semicondutores, nanocompostos, biomateriais, chips, etc. O objectivo principal geral da nanotecnologia é chegar a um controlo preciso e individual dos átomos, coordenando cada átomo e molécula no lugar desejado, mas tem-se dito que os electrões não se conseguem ainda separar.

As propriedades das matérias à nanoescala poderão diferir em formas importantes das escalas maiores, dos materiais minérios, átomos individuais ou moléculas, pois umas são melhores a conduzir a electricidade ou o calor, outras são mais fortes, outras têm propriedades magnéticas dissemelhantes e por fim outras reflectem melhor a luz ou mudam de cor aquando do seu tamanho alterado. A prever, a nanotecnologia terá um impacto significativo na


***Criações novas não
deixam de mostrar os
seus narizes e o Satan-
ismo da Era Moderna
mostra a sua capaci-
dade de adaptação e
total aproveitamento
das novas tecnologias.***




maioria das indústrias e áreas da sociedade, visto poder melhorar os sistemas de construção e possibilitar a fabricação de produtos mais duráveis, limpos, seguros e inteligentes, tanto para as casas, como para as comunicações, os transportes, a agricultura e a indústria em geral. Alterando o ritmo da minha escrita, li que a nanotecnologia dá vontade de imaginar dispositivos médicos com a habilidade para circular na corrente sanguínea, detectando e reparando células cancerígenas, antes que estas se estendam; ou encolher todo o conteúdo das bases de dados de bibliotecas mundiais num dispositivo do tamanho de um rebuçado ou ainda imaginar o desenvolvimento de materiais dez vezes mais resistentes que o aço e com apenas uma fracção do peso... quanto mais pequeno, mais fino, melhor...

A importância da nanotecnologia reside na questão de tempo até que a fabricação de produtos se torne tão barata como a duplicação de ficheiros e dados. Esta área encerra um poder nanotecnológico, de aparência simples, chamado nanofábrica, que conteria minúsculos processadores químicos, computadores e robots e que poderia ser assestado num computador ou noutro equipamento pessoal, para logo os produtos serem fabricados directamente a partir dos projectos. Portanto, tratar-se-ia de um processo rápido, limpo e barato. A nanotecnologia não só permitiria a fabricação de produtos de alta qualidade a um custo muito reduzido, como também a criação de novas nanofábricas com o mesmo custo e velocidade. Faceta única de auto-reprodução, tecnologia exponencial. Um tipo de tec-

nologia revolucionário, transformador, potente mas também com muitos riscos ou vantagens potenciais. Há sim riscos preocupantes da nanotecnologia, já que causam grandes mudanças, mudanças de todo não calculadas ainda. A combinação de diversos riscos poderiam piorar a gravidade de cada um... cada solução deve ter em conta o impacto que teria sobre outros riscos. A nanotecnologia trará éticas, passos, ordens e regulações e alguns dos riscos originar-se-ão na falta de pouca regulação, outros, porém, na sua excessiva regulação. Diferentes tipos de regulação serão necessários em diferentes casos. Uma resposta demasiado severa ou exagerada ou qualquer destes riscos, daria origem a outros riscos de natureza diferente. Para poder usufruir dos enormes benefícios da nanotecnologia molecular, é imprescindível defrontar os riscos e resolvê-los. Para tal, devemos de antemão compreendê-los e seguidamente desenvolver planos de acção para preveni-los. A nanotecnologia molecular irá permitir a realização da fabricação e de protótipos de uma variedade de produtos bastante eficazes. Uma capacidade e uma postura de embate que o Satanismo massaja no seu ego.

Como uma tecnologia pode cair em mãos diferentes, sendo aplicada para frutos diferentes, marco no texto que o uso da nanotecnologia molecular nos processos de produção e fabricação, poderia resolver alguns dos problemas actuais como as doenças infecciosas ou escassez de água. Estruturas ligeiras e resistentes, equipamentos eléctricos e aparelhos para armazenar a energia solar permitiria o uso de energia solar como fonte primária e abundante de energia. A degradação ambiental é um problema grave em todo o mundo e a nanotecnologia permitiria que o impacto ambiental em actividades humanas fosse muito menor. A nanotecnologia molecular poderia fabricar equipamentos baratos e avançados no campo da saúde e investigação médica: uma maior disponibilidade de fármacos avançados – uma espécie de nanofarmácia.

Os segredos da Natureza para construir a partir da nanoescala criam então processos e maquinações que os cientistas esperam vir a imitar de forma simples. Li que investigadores procuram imitar a força e a flexibilidade da teia de aranha, a qual é naturalmente reforçada por cristais à nanoescala. Noutros campos, as proteínas com as hemoglobinas, que interagem com o oxigénio do ar para carregá-lo pela corrente sanguínea, têm cinco nanómetros em diâme-

tro e poderão ser usadas de forma especial na nanomedicina. As propriedades estruturais das nanopartículas do ouro podem absorver a luz e podem tornar essa mesma luz num imenso calor. Em dispositivos miniatura ou proteínas, matariam células indesejáveis nos organismos.

Os palpáveis à nanoescala, tal-qualmente, mais se tornam fortes e podemos salientar, por exemplo, casos de tubos de carbono, usados a obter variados componentes para objectos de lazer e utilidades. Já mais que uma vez tomei conhecimento que cientistas deslumbram poder combinar os nanotubos de carbono com os de plástico. Desta combinação, consegue-se composições mais leves, mas mais fortes que o aço. Os cientistas pretendem esta realidade, visto que tais tubos de carbono à nanoescala são bons condutores de calor e electricidade, escreve-se que melhores que qualquer outro metal usado.

As vistas de utopia ou realidade mais rica para os humanos estão em monumentos muito mais à frente. Se terão, os monumentos, merecedores ou não, isso é uma coisa a deixar para as histórias dos próximos capítulos. Por agora, resta escutar a acção presente das coisas e fibras, olhando a etapa final do Overclock mundial. Exemplificando:

Tecnologia – conjunto dos instrumentos, métodos e processos específicos de qualquer arte, ofício ou técnica. Estudo sistemático dos procedimentos e equipamentos técnicos necessários para a transformação das matérias-primas em produto industrial. Arte, ciência, aplicação de conhecimentos e instrumentos, em prol de difusões variadas;

Nanotecnologia – tecnologia que tem por objectivo o fabrico de mecanismos de dimensões extremamente reduzidas;

Nano – elemento da formação de palavras que exprime a ideia de pequeno, reduzido; em física, prefixo indicativo de um milésimo da milionésima parte;

Materiais à nanoescala – materiais que se encontram ao nosso redor, no fumo do fogo, na poeira vulcânica, na espuma do mar, assim como produtos resultantes dos processos de queima ou combustão;

Utopia – projecto que, a ser exequível, asseguraria a felicidade geral; projecto imaginário, irreal; lugar que não existe;

Acção satânica – praticar como agente; operar; actuar; proceder. •





No caminho das Rosas e do Equilíbrio

Quando falamos em Ordo Rosarius Equilibrio falamos de Satanismo. Foi para explorar esta relação que não é particularmente conhecida que falamos com Tomas, mentor do projecto, sobre a sua obra, a sua música, a sua vida. Afinal, tudo aquilo que o torna Satanista. E só ficamos com pena de uma coisa – da brevidade da conversa.

Lurker & Black Lotus





Ordo Rosarius Equilibrio surgiu das cinzas de Archon Satani em 1993 – ainda te lembras do contexto e disposição que levou à criação deste projecto?

Senti um desejo compulsivo de continuar, impulsionado pela desilusão e pela frustração de ter começado algo que valia minimamente a pena e ter falhado. Esse foi o contexto para o surgimento de ORE em 1993.

Por essa altura o laçamento das músicas era sob o nome de Ordo Equilibrio – porque é que passado alguns anos houve a necessidade de incluir o Rosarius no nome deste projecto?

Foi apenas algo praticável.

Algumas pessoas queriam diferenciar entre o antes e o depois, eu não queria, porque para mim não há qualquer diferença, eu era o mesmo. Mas ao mesmo tempo conheci a Rose-Marie e como já tinha utilizado o conceito de rosas em várias ocasiões como símbolo da perfeição e como o nome dela era Rose, decidi integrar esse nome com Equilibrio para que pudesse significar perfeição e equilíbrio.

O que é que significa para ti Ordo Rosarius Equilibrio?

Eu vivo ORE e carrego continuamente a sua carga. Tudo o que faço pode ser personalizado e tudo o que sonho tento alcançar. ORE é uma canalização do meu egoísmo. Mas se esta projecção é capaz de invocar qualquer tipo de melhoria espiritual, sexual ou intelectual, que seja, se assim for, o meu trabalho está completo.

Normalmente esforçamo-nos para o equilíbrio. Aspiramos à sua existência na maioria das vivências do dia-a-dia, tanto emocionalmente, espiritualmente e sexualmente. Mas não sei se é o equilíbrio em si que aspiro tanto a nível lírico como sonoro, ou ao nível da imagem. Eu procuro o desequilíbrio e o estabelecimento do equilíbrio através do próprio equilíbrio tirado fora do contexto, tirado fora do proporcional.

O equilíbrio é assim um factor tão importante para a tua vida e para a música?

Gosto da ideia de contra-balançar. A Virgem Maria como prostituta, eu como César e Jesus como bêbado, a pomba branca da paz assassinada, os anjos do paraíso a cometerem deboche e a fornicação, sapatos de salto alto a dançar nas noites de vidros partidos, mulheres em corpetes a ir para a guerra. É assim que eu vejo o equilíbrio, reunido num contexto com factores mais sensíveis e de alcances poéticos.

Quais são as tuas influências quando escreves as músicas?

Amor: o mais fatal e mortal de todos os sintomas.

Dor e Pazer: que agradável, que enganador, que consumidor.

Luxúria: como a chama de todos os desejos mundanos queima dentro de todos os homens e mulheres.

Vida: Adoro observar e ser observado. Sonho e tenho luxúria. Amo e odeio. Rio e choro. Mas até onde me leva a minha testosterona?

Iluminado: como tudo pode tornar-se tão claro depois de fracasso após fracasso.

Mentiras: o que é verdade e mentira para aqueles que não vêm nem ouvem?

Guerra: como começou uma luta sem fim a 14 de maio de 1948.

Três é uma Orgia, quatro mãos dão mais prazer do que duas. Amor a três pode ser a salvação que todos nós procuramos. Quem te está a beijar Apocalips?

Ignorância: não ser capaz de ver a floresta pelas árvores que contém. Somos realmente receptivos a aceitar as consequências dos nossos actos?

Mudança: Como o Sol se põe e todos os dias terminam. Como tudo muda e ao mesmo tempo tudo fica igual.

O tema do sexo ainda é uma grande influência nesse processo?

Na vida e em tudo o que ela acarreta – é daí que vem a minha inspiração.

Os ORE têm vindo a lançar álbuns com uma certa frequência – és um compositor prolífico? A criação de música é algo natural para ti ou esforças-te para a criar?

A criação de música é algo natural, a escrita das letras é algo natural, mas é claro que me esforço. Há uma luta todas as semanas, todos os meses e por vezes todos os dias.

Pergunto-me incessantemente - “Porque é que fazes isto Tomas, porquê? Outros fazem-no muito melhor, porque é que continuas a insistir?”

Mas eu mudo e ORE muda comigo e por isso sou levado a acreditar que nunca é demasiado.

É neste estado de luta constante, entre o Equilibrio e o Niilismo que canalizo todas as minhas emoções sexuais e crio, e é nisso que se torna ORE.

O vosso último lançamento foi um 10’’Four, um formato que ainda não tinham utilizado em tantos anos de carreira – achas que o formato vinil não é tão interessante como o CD, ou isso foi sempre uma escolha da editora?

Normalmente isso é uma decisão da editora. O formato vinil é usualmente encarado como de coleccionador, o que sugere que não irá vender tão bem. Além disso os lançamentos em vinil são mais caros e esse dinheiro é pago adiantado, ao contrário do que acontece com os CDs. Por causa disto a maioria das editoras prefere não escolher a impressão em vinil.

Fazer este 10’’ foi algo novo para mim e coube-me a mim a decisão de fazer um 10’’ em vez de um 12’’.

Adora o formato 10’’ e fiquei satisfeito quando alguém me deu esta oportunidade como primeiro contacto de uma cooperação que se adinha mais extensa.

Relacionado com isso, têm vindo a trabalhar com a CMI desde 1993, mas o álbum Four foi editado pela Raubbau. Porquê a mudança de editora para este lançamento tão particular?

Passaram vários anos desde que

Os ORE é um empreendimento egoísta. Serve o único propósito de me satisfazer, os meus desejos, os meus sonhos, pensamentos e as minhas perguntas.



lancei o meu primeiro trabalho de ORE pela CMI em 1993 e ainda passaram mais anos desde que eu e o Mikael formamos em 1990/1991 o Archon Satani e tenho trabalhado com a CMI desde o início.

A amizade é um bom alicerce para que qualquer relação floresça, mas mais importante do que isso preciso de ter liberdade artística, literária, estética, bem como musical. Se os meus critérios artísticos são aceites e as ideias apresentadas parecem interessantes, estou disposto e com vontade de trabalhar quase para qualquer pessoa. Mas desde o início que não tem havido razões para me envolver com ninguém para além da Cold Meat Industry, até agora.

Vamos continuar a ver novos álbuns pela CMI ou este é o início de uma nova relação?

Já tinha prometido à CMI o O N A N I desde o lançamento de Apocalips em 2006 e assim será. O O N A N I irá ser lançado pela CMI no meu aniversário, dia 17 de Janeiro de 2009. Mas o álbum Songs 4 Hate & Devotion, o segundo CD que irá ser o sucessor de O N A N I tem data de lançamento prevista para 4 de Setembro de 2009 e será lançado mais uma vez pela Raubbau.

Ao longo do tempo, por vezes encontramos entraves à criatividade, estagnação e regressão, bem como fluxos inesperados e incontornáveis de criatividade, sempre uns a seguir aos outros.

A criatividade origina criatividade. A prática leva à Perfeição.

Trabalho, família e música, considerada por esta ordem são os 3 pilares da minha existência contemporânea.

Então porquê e porquê agora a Raubbau?

Não sei. Acho que era a altura certa. Preciso disto e quero ver onde me vai levar.

Os ORE sempre desempenham um papel muito importante no cenário musical internacional. Vês os ORE desta forma? Achas que há um lugar para os ORE no panorama musical ou estás mais interessado na caminhada que leva até esse ponto?

Acho difícil ver-nos como “parte do cenário musical internacional”. Achas que realmente existe? Um papel que desempenhamos...

Encontramos-nos certamente no panorama musical, isso de certeza.

Tocamos numa série de festivais no passado verão, em diferentes países, de diferentes tamanhos, com variada importância: Mera Luna, Summer Darkness e Gothic Festival, por isso fazemos parte da cena musical. Mas não faço ideia onde ela é. Talvez (novamente) entre o Equilíbrio e o Niilismo?

Gosto da viagem, tem sido longa e continua e ainda não compreendo qual será o fim.

Apocalyptic Pop é um termo com o qual te sentes confortável, ou definirias a sonoridade de ORE como sendo algo diferente?

Sim, porque não.

Que descrições encriptadas existem por aí?

Dark-Ambiente? New-Wave? Rock alternativo? Electro Goth?

Acho que podemos-nos caracterizar como “Devil’s lounge Music”.

Não consigo deixar de voltar a Satyriasis e a vossa colaboração com Spiritual Front. Achas que este formato de colaboração é algo para repetir no futuro?

Eu tenho planos, nós temos planos de vários tipos. Alguns incluem o Simone e outros não. Mas falar disso abertamente e revelá-los normalmente tem um efeito contrário, por isso vou manter-me calado por agora.

Preferias escolher outro parceiro para essa colaboração ou farias algo novamente com Spiritual Front?

O tempo o dirá, é sempre assim.

Uma das coisas que gosto mais nos ORE é o conceito lírico. Onde vais buscar a inspiração para essas letras fantásticas?

Obrigado pelos elogios.

Como disse anteriormente, a vida



Pylai (www.snagt.net)



Pyhai (www.snagt.net)

é uma inspiração sem fim.

A angústia e os prazeres e tudo o resto no meio.

Antes do meu filho nascer, olhava para o macro-cosmos e procurava respostas nas coisas grandiosas, escrutinava as grandes perguntas à procura da grandiosidade. Mas agora, depois do Julius, encontro-me a procurar as respostas do micro-cosmos. E é aqui que encontro a inspiração e o desespero que me faz escrever.

Pelo que li, o individualismo é um conceito lírico muito forte nos ORE. Valorizas o individualismo acima de tudo o resto? Ou achas que há outros conceitos mais fortes por detrás das letras?

Existe uma grande variedade de conceitos nos meus escritos e não só o individualismo.

Pessoalmente sou contra todas as formas de conformidade deliberada e restrições políticas e sociais que escravizam o indivíduo, mas não sei se procuro invocar ou inspirar a oposição. Apenas tento invocar um sentido de alerta, para que compre-

endam que somos todos donos do nosso próprio destino. Podemos levar no rabo todos os dias, se assim quisermos, podemos sair à rua com uma arma e forçar a justiça naqueles que a merecem, podemos partilhar o nosso leito com a quantidade de pessoas que quisermos e que pode haver uma vida melhor para além da moralidade dos justos e daqueles que se acham superiores, sem olharmos às obrigações, expectativas e regulamentos, desde que estejamos conscientes e dispostos a aceitar as consequências dos nossos actos.

Enalteço a integridade, que fica cravada na minha pele. É muito importante quando apresentamos aquilo que conseguimos alcançar.

Acho que grande parte das vossas músicas são bastante satânicas – concordas com esta afirmação, ou é algo que te é indiferente?

Já fico feliz por as pessoas repararem no que escrevo.

Isso agrada-me. Seria aterrador se ninguém tivesse prestado atenção. Mas acho que é justo dizer que os meus escritos reflectem vários ideais satânicos. Estou familiarizado com o Satanismo.

O Satanismo é em si muito baseado no individualismo – podes ser considerado um Satanista?

Há vinte anos atrás teria ficado orgulhoso. Sim, FINALMENTE alguém me reconhece pelos meus credos satânicos, SIM. Mas hoje em dia, vinte anos mais tarde não me revejo a pertencer a alguma coisa.

Eu sei o que sou e sei o que quero.

Em breve terei 36 anos e a vida é demasiado pequena para me importar.

A maioria dos -ismos são considerados perturbadores de uma forma ou de outra e tudo aquilo que é “maroto” acarreta sempre algum fascínio.

Como é que te defines como indivíduo?

Vivo, alcanço, controlo, mudo, por isso Sou.

Isso, do meu ponto de vista faz de mim um indivíduo.

Achas que conseguias viver sem música na tua vida?

Acho que conseguia sobreviver sem compôr música. Teria de me ajustar e encontrar outra forma de expôr a minha criatividade, seja pela fotografia, design gráfico, internet, filmes, pintura, poesia, literatura, podem escolher. Mas com ORE, está tudo integrado num contexto maior. Através de ORE posso trabalhar com todas as vertentes. Posso eu mesmo mexer a varinha mágica e actuar como juiz e carrasco. Para o bem e para o mal.

Deixa-me entrar em vertentes mais pessoais. Acreditas na monogamia? Ou és alguém com uma visão mais aberta em relação à sexualidade e fidelidade em relação a parceiros?

Acredito no respeito e lealdade se é isso que se quer da relação. Mas também acredito na possibilidade de ter múltiplos parceiros sexuais, dentro ou fora da relação.

Entramos numa relação por uma variedade de razões.

O cenário que fazemos depende do que queremos e do que a nossa companhia quer.

Qualquer relação é um compromisso, e é assim desde o princípio (embora não o reconheçamos logo) e será sempre assim.

Podemos fazê-lo sozinhos, podemos fazê-lo a dois, a três, ou a quatro, ou com quantos quisermos, quanto mais melhor, quatro mãos dão mais prazer do que duas.

Homens & Mulheres, Mulheres & Homens.

Desde que consentido, serve tudo.

Mas todos aqueles que brincam juntos têm de aceitar as consequências.

Foste pai em 2004 – como é que esta experiência mudou a tua vida?

Tornei-me pai em Setembro de 2004, do mais maravilhoso homem que completa e enriquece a minha vida e de repente apercebi-me que

Pessoalmente sou contra todas as formas de conformidade deliberada e restrições políticas e sociais que escravizam o indivíduo



todo o tempo que pensava ter tido, tinha passado, os sonhos que possuía pareceram mais difíceis de realizar e tudo o que eu pensava como garantido, era apenas uma ilusão. E este sentimento diverso e ambíguo de tornar novo enquanto se mantém igual, de tornar completo e de sentir algo completamente inadequado certamente que afectou a minha personalidade e forçou-me a olhar para dentro do micro cosmos para obter as respostas.

Mas ainda estou à procura e não sei o que procuro, por isso provavelmente nunca vou saber se encontrei.

Falando novamente da música, as actuações de ORE podem ser consideradas um ritual ou uma orgia?

A vida é um ritual. As nossas rotinas, práticas e acções são ritualísticas.

O ritual que vivemos é no sentido da procura de estabilidade, equilíbrio e fazer com que os nossos sonhos se tornem realidade. A magia é a projecção da vontade nas consequências.

Gosto de controlar e afectar o resultado da minha vida diária e é assim também a situação com as minhas actuações.

Tocar ao vivo é sempre uma experiência especial, para o melhor ou pior.

Cada concerto é diferente, a audiência é nova e cada país e organização são uma nova forma de conquista.

O que tentas retratar enquanto estás em palco? Que impressão queres deixar na audiência?

Tento tornar cada concerto o mais especial possível, com a utilização de projecção video, fogo vivo e participantes adicionais a servir como parte da actuação e por vezes todas as peças estão no sítio e temos uma grande vantagem, visualmente, auditivamente e tecnicamente, mas por vezes isso não acontece, por várias razões fora do nosso alcance.

Quero que as pessoas gostem do que estão a ver e nesse processo ficam com uma melhor compreensão do que representa ORE.

E as pessoas que ouvem ORE, que vão aos concertos, têm-me dito que a música transmite uma sensação de hipnotismo e talvez seja isso, talvez ISTO seja um ritual, as orgias de rosas e equilíbrio.

Quando crias uma música pensas no efeito que irá ter naqueles

A vida é um ritual. As nossas rotinas, práticas e acções são ritualistas

que a ouvem? Ou apenas crias para ti?

Eu vivo ORE e carrego-o constantemente comigo. Tudo o que faço pode ser personificado e tudo o que sonho quero incluir. Não quero ir para um lado em vez do outro, as coisas vão acontecendo.

Os ORE é um empreendimento egoísta. Serve o único propósito de me satisfazer, os meus desejos, os meus sonhos, pensamentos e as minhas perguntas. O que eu demonstro é um reflexo de mim mesmo e se esta canalização de egoísmo for capaz de inspirar apenas uma pessoa a apreciar e gozar a sua vida, realizar os seus sonhos e VIVER a sua vida com o seu potencial máximo, então a minha tarefa está cumprida e valeu a pena.

Para ti, qual o lançamento mais inspirador que lançaste?

O Cocktails Carnage Crucifix and Pornography foi bastante inspirador. Iniciou-se e foi-se desenvolvendo de forma muito natural num curto período de tempo, na Primavera de 2003, ao contrário de muitos outros lançamentos que tinha feito. Mas o Apocalips também foi bastante inspirador, muito diferente em vários aspectos para mim, embora tenha demorado bastante mais tem-

po a realizar.

Só espero que “esta” próxima destruição não chegue em nenhuma altura próxima, porque o trabalho sobressalente para o outro mundo é “Songs 4 Hate & Devotion”.

Qual o artista/projecto que mais te inspirou ao longo dos anos?

Acho que tudo começou em meados dos anos oitenta. Tinha cerca de 12 anos e ouvia intensamente Depeche Mode e na procura de estímulos extra encontrei compositores musicais como Laibach, SPK, Test Dept, Skinny Puppy, Ministry, Klinik, Frontline Assembly e Einstürzende Neubauten, aos quais se seguiram outras bandas como Death in June, Coil Current 93 e outros. Estas foram as fontes de inspiração numa fase inicial e que me levaram a fazer algo por mim.

Qual o último artista/projecto que mais despertou a tua atenção ultimamente?

Em casa e nas minhas deslocações para o trabalho normalmente ouço Combichrist, Kent, Leonard Cohen, Klangstabil, Panzer AG, Lustmord ou Christian Death, apenas para mencionar alguns.

Olhando para a cena actual, que projecto/artistas recomendarias?

O novo CD dos Triarii “Muse in Arms” é extraordinário, encontrem-no, comprem-no e fiquem abismados.

A banda filandesa Zoat Anon e o seu CD “The Triplex Bestial” é algo que vale o tempo e o esforço de arranjar, é simplesmente fantástico.

Pyhai (www.snagt.net)





Eu procuro o desequilíbrio e o estabelecimento do equilíbrio através do próprio equilíbrio tirado fora do contexto, tirado fora do proporcional.

O que é que sabes sobre Portugal? Lembraste da última vez que cá estiveste?

Actuamos em Portugal em 2001, no Porto- Hard Club. Gostei de Portugal, passamos um bom bocado. Além disso ficamos mais uns dias a apreciar a cidade e arredores.

Sei que estamos no mesmo grupo de qualificação para o Mundial de Futebol e espero que a Suécia vos goleie no próximo jogo.

A capital de Portugal é Lisboa e são uma parte da União Europeia. A vossa moeda é o euro (ao contrário daqui). O vosso vizinho é Espanha.

O vosso explorador mais famoso é Vasco da Gama. Tiveram o vosso clima cultural e financeiro nos séculos XV e XVI.

E finalmente e mais importante, em Portugal tudo leva muito tempo a fazer porque estão sempre a fazer sestras.

Podes-nos dizer o que realmente aconteceu há uns anos atrás quando tiveram um concerto marcado para Portugal e este foi cancelado?

Realmente, o que é que aconteceu? Ainda não sei.

Sem estar a contar e com pouco tempo de antecedência fomos convidados para ir aí tocar. Dois concertos, um em Lisboa, outro no Porto; ORE e Spiritual Front; principalmente músicas do Satyrnasis, numa actuação conjunta.

Tudo estava perfeito, em teoria. Alegadamente o suporte financeiro da Câmara do Porto, patrocinadores, etc. estava em ordem, mas na prática não conseguimos ter os bilhetes de avião no aeroporto a não ser que pagássemos as nossas passagens no valor de 1100€. E segundo sei o Simone nem sequer tinha a reserva de avião, pelo menos não foi informado disso. Por isso ficamos presos em Estocolmo e Roma.

Foi um processo complicado, muitos e muitos telefonemas para e da organização a explicar que os bilhetes tinham sido pagos e que iam resolver o problema e que tudo era culpa da KLM e depois já era culpa minha por ter querido alterar a data de regresso, mas pelo que fui informado (pelo telefone na noite antes da partida e em pessoa no dia da partida) os bilhetes nunca foram pagos e ESSE foi o único problema de não termos ido. Tínhamos as malas feitas e estávamos prontos a partir, mas pelo menos o Simone não teve de ir até ao aeroporto para descobrir isto.

O público português poderá esperar por uma performance vossa dentro em breve?

Não nos vejo a regressar a Portugal, pelo menos nos próximos tempos, a não ser que nos façam uma proposta real, com condições reais.

Não actuo para ficar rico, mas também não o faço para ficar pobre.

Algumas palavras finais?

É melhor arrepender-se de coisas que faz, do que de coisas que nunca fez. •



Pyhai (www.snagf.net)



Teorias para a Origem da Vida

Black Lotus

Goran Druskovic (goran-d.deviantart.com)



A. Teorias Abiogénicas

1. Teoria da Geração Espontânea

2. Teoria Criacionista

B. Teorias Biogénicas

1. Teoria Autotrófica

2. Teoria Heterotrófica

C. Teoria Cosmozóica ou Panspermia

Desde que o Homem tem consciência de si, que tenta explicar como surgiu a vida no nosso planeta. As questões “De onde vimos?” e “Para onde vamos?” são das mais frequentes no nosso quotidiano, tendo inspirado o campo musical, teatral e literário e tendo também sido aplicadas na questão científica.

Inicialmente pensava-se que a Vida teria surgido a partir de matéria inerte, ou seja, partículas sem vida davam origem a vida, podendo ser encontrados diferentes textos de épocas medievais

em que é realçada esta ideia e diversas “receitas” (caixa 1) para produzir ratos, ovelhas e outros seres (muito ajudados pela falta de higiene de então), sendo crença comum que a fruta produzia larvas, ou a carne tinha germes. A Teoria da Geração Espontânea já era defendida por Aristóteles (séc. IV a.C.) que dizia que a vida era o resultado da acção de um “princípio activo” sobre matéria inanimada, que se tornava então animada. A vida aparecia... porque sim! E esta explicação perdurou durante vários séculos.

A ideia de que a vida surgia do nada foi absorvida pela religião, que a adaptou, ou seja, a vida surgia porque alguém queria... alguém superior que a criava em determinado local. Surge assim uma adaptação da Teoria da Geração Espontânea originando uma nova explicação, dando vida a uma nova teoria – a Teoria Criacionista. (caixa 2)

*Como obter ratos:
“...comprimir uma
camisa de mulher, de
preferência um pouco
suja, num vaso com
trigo. Ao fim de vinte e
um dias o fermento do
suor feminino transforma
o grão em ratos.”*

Van Helmont



"No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo: e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas"
Génesis 1:1

O Criador – intitulado de Deus – teria criado tudo à sua volta e decidia onde devia aparecer vida ou não, não podendo ser questionado, mesmo que ocorressem algumas contradições. Tal como em muitas outras situações, a ideia comum foi alterada para melhor corresponder ao perfil que as personagens mais dominadoras pretendiam e esta teoria prevaleceu durante séculos, uma vez que era do agrado da Igreja. E esta com a ajuda do seu braço armado, a Inquisição, fazia desaparecer qualquer ideia que surgisse para a contradizer condenando todos os opositores ou livres pensadores.

No mundo ocidental a teoria criacionista prevaleceu até ao séc. XIX, onde muitos professores e filósofos eram coagidos a ensinar estas doutrinas, para dar uma visão do mundo que congregava a religião, ciência e sociedade.

Estas teorias, depois de terem sido grandes entraves ao desenvolvimento da ciência foram depois destronadas, o conceito de Deus Criador passou a ser substituído pela ideia científica do Big-Bang, que originou o Universo, abrindo as portas do conhecimento a todos que quisessem ouvir.

Porém, antes desta mudança de pensamento já tinham sido dadas evidências da incoerência da teoria da geração espontânea/criacionismo, provando que não eram um factor explicativo do surgimento da vida.

No séc. XVII vários cientistas provaram através de experiências e baseando-se no método científico, que a vida provinha sempre de algo vivo e não era um criador, ou um "princípio activo" que tornava a matéria inerte viva.

Francesco Redi provou através de

várias experiências (em que foi utilizado pela primeira vez o controlo) que as larvas não surgiam na carne, mas eram colocadas na carne pelas moscas. Outros se seguiram e finalmente Louis Pasteur, em 1862, demonstrou de forma inequívoca que o desenvolvimento de organismos, num meio previamente esterilizado, ocorria devido à contaminação de microorganismo presentes no ar. Ficou assim definido que nas condições actuais, a vida surge sempre a partir de outra Vida, pré-existente.

Em 1859, Charles Darwin publica o seu afamado livro *On The origin of Species By means of Natural Selection on the Preservation of Favored Races in the Struggle for Life*, que teve imenso impacto social, religioso e científico. A ideia de evolução contrapunha-se ao, até aí aceite, de que todos os seres tinham sido criados tal qual se observavam.

Com estas ideias revolucionárias uma nova explicação para o surgimento da vida ganhava forma: a análise a rochas e a pesquisa de fósseis determinaram que a Terra teria sido formada, juntamente com todos os astros do sistema solar há 4600M.a. e a vida foi identificada pela primeira vez há 3800M.a. (caixa3)

Com esta noção surgiram duas teorias acerca do surgimento da vida na Terra: a hipótese autotrófica e heterotrófica. A hipótese autotrófica, de que os primeiros seres vivos conseguiam sobreviver por eles próprios foi descartada, face à complexidade que estes seres teriam de possuir para serem os primordiais. Segundo esta teoria os primeiros seres produziam a sua alimentação, não dependendo de outros seres, sendo um exemplo actual disso as plantas. Como estes organismos teriam de possuir uma organização complexa, não se conseguiu comprovar a sua veracidade. Assim a mais aceite foi a hipótese heterotrófica, sendo os primeiros organismos seres vivos simples que se formaram por um processo pré-biológico e se alimentavam da "sopa primitiva" (os oceanos terrestres). A água que formou os oceanos foi arrefecendo a superfície terrestre, que era bastante quente, fazendo com que se formasse um caldo propício ao desenvolvimento pré-biótico.

Esta teoria foi apresentada por Oparin, que juntamente com Haldane enunciaram certos pressupostos acerca dos fundamentos da vida. Segundo eles os primeiros compostos minerais faziam parte da sopa primitiva e seriam denominados de monómeros. Estes associaram-se formando polímeros que funcionavam como um todo e

seriam rodeados por uma membrana, formando os primeiros seres pré-bióticos.



cos, as microgotas.

Stanley Miller pôs em prática as teorias de Oparin-Haldane e construiu um aparelho para testar, nas condições originais da Terra, a possibilidade do surgimento das microgotas e teve sucesso, obtendo moléculas que fazem parte dos seres vivos.

Sidney Fox seguiu com outras experiências e aqueceu a 200°C misturas de aminoácidos obtidos abioticamente sobre pedaços de rocha. Obteve cadeias polipeptídicas, que designou de proteinóides e que podiam ser usadas como alimento por bactérias, apresentando capacidade catalítica (uma pré-enzima).

Com estes proteinóides, por aquecimento à ebulição seguido de arrefecimento, Fox obteve a formação de coacervados, que designou de microesferas, dando o passo seguinte na teoria proposta por Oparin-Haldane.

As microesferas apresentavam propriedades osmóticas na sua membrana, comportando-se como uma pré-célula, ou seja, o início de vida na Terra.

Com os avanços da tecnologia surge o conhecimento do RNA (Ácido Ribonucleico) - uma molécula semelhante ao DNA (Ácido Desoxirribonucleico), mas formada por uma só cadeia e existente nas células dos seres vivos - que veio trazer uma nova comprovação. A sua existência pode ser uma explicação mais real para os primeiros "seres", uma vez que é um composto que contém informação que pode ser transmitida e é uma forma de reprodução de vírus, (seres bastante primitivos).



Com todas estas evidências esta será a teoria com mais factos científicos a comprovar e explicar o surgimento da vida na Terra.

Outra das teorias apresentadas é a teoria cosmozóica ou panspermia, que refere que a vida não surgiu na Terra, mas foi para aqui trazida... não propriamente em naves de extra-terrestres!

A descoberta de meteoritos com grandes concentrações de carbono e argilas, como o de Orgueil (França, 1864), o de Murchison (Austrália, 1969) e o de Allende (México, 1969), no qual foram descobertos numerosos amino-ácidos e formas bacterianas, vieram alterar de forma significativa as noções sobre a síntese abiótica de compostos orgânicos no nosso planeta, sugerindo que ao embater na superfície da Terra e tendo as condições ideais no nosso planeta, estes compostos desenvolveram-se e evoluíram.

É claro que as teorias só vão até certo ponto e continuam a ser apenas teo-

rias. Para já não temos provas concretas para dar certezas, mas a ciência é isso mesmo, uma construção que se faz com o tempo. À medida que há mais informação e mais tecnologia surgem novas evidências que ajudam a provar as teorias apresentadas, as noções evoluem e surgem novos conceitos... ficamos à espera dos próximos capítulos!

Em ciência nada é estático e o que hoje entendemos como certo ou verdade científica, pode de um momento para o outro alterar-se. O mundo é visto face ao que os nossos olhos conseguem perceber ajudados por alguns instrumentos por nós criados – vemos o mundo através de óculos conceptuais gerados pela nossa cultura e tecnologia, vemos o que nos rodeia como se estivessemos dentro de uma redoma de vidro... e do lado de fora, será que o azul é mesmo azul? •

Inventário:

Francesco Redi (1626-1697) elaborou experiências acerca da teoria da geração espontânea

Louis Pasteur (1822-1895), químico e microbiologista, ficou conhecido pelos avanços a nível da microbiologia e pelos seus trabalhos acerca da teoria dos germes.

Alexander Oparin (1894-1980), biólogo e bioquímico russo, desenvolveu teorias acerca da origem da vida na Terra.

John Haldane (1892-1964), geneticista e biólogo britânico, foi um dos impulsionadores da genética populacional.

Stanley Miller (1930-2007), químico e biólogo, ficou conhecido pelos trabalhos e experiências relacionadas com a origem da vida.

Sidney Fox (1912-1998), bioquímico, foi responsável por diversas experiências proteicas.



A evolução da Terra e o surgimento da Vida:

- 1. Formação da Terra, juntamente com todo o Sistema Solar há 4600M.a.**
- 2. Choque de meteoros com a Terra que estava coberta por lava de vulcões**
- 3. Libertação de gases pelos vulcões, que ficaram à volta da Terra devido à gravidade e formaram a Atmosfera**
- 4. Condensação do vapor de água na atmosfera e queda de chuva**
- 5. Arrefecimento da superfície terrestre**
- 6. Formação dos oceanos**
- 7. Os oceanos mantinham-se quentes formando a chamada sopa primitiva**
- 8. Surgimento de matéria orgânica na sopa primitiva**
- 9. Agregação desta matéria originando as primeiras células**
- 10. Bactérias simples**
- 11. Bactérias fotossintéticas que produzem oxigénio (O₂)**
- 12. Passagem do oxigénio dissolvido na água para a atmosfera**
- 13. Modificação de moléculas de oxigénio na atmosfera, formando o ozono (O₃)**
- 14. Com a camada de ozono inicia-se a conquista do meio terrestre pelos seres vivos, uma vez que esta camada protege a superfície da Terra dos raios solares nocivos**





Satanismo e Analogia com Animais Não Humanos

Lupum



“Não mates animais não humanos a não ser que sejas atacado ou para obter alimento.”

Só esta expressão, de Anton Szandor LaVey, esta ideia, resume tudo aquilo que um satanista cogita sobre os animais não humanos (designados por animais adiante).

Para a esterqueira todos que dizem que nós aniquilamos em rituais!

Para o cisco aqueles que deturpam a nossa realidade. Respondo com o nosso primeiro pecado, a estupidez! Para bom entendedor... Um vocábulo basta!

Os animais são merecedores do nosso respeito, pois são naturais. São a natureza em bruto. Reagem e respondem de acordo com os seus instintos.

A nossa própria individualidade passa por eles muitas vezes. São os nossos confidentes, aqueles que mais respeitamos. Quanto mais conheço as pessoas, mais gosto dos animais.

Os animais sempre foram uma lâ-

mina de dois gumes, porque ou são honrados ou são alvos de barbáries tresloucadas. A história é feita também com eles.

Ou eram/são respeitados em diversas religiões ou eram/são torturados... Contudo sempre foram importantes.

Sempre nos identificámos com eles, seja enquanto indivíduos ou membros de uma filosofia de vida.

O Bode, o lobo, a cobra, a vaca, entre outros, todos eles relevantes na simbologia íntima. Basta observarmos as outras religiões e culturas, para rapidamente nos apercebermos da importância dos animais. Exemplos – Cultura chinesa, indiana, romana, etc, etc...

Mas e nesta filosofia de vida que privilegia o “EU”?

Os animais fazem parte da nossa existência e são relevantes...

Cada satanista deveria ter energia suficiente para produzir um ritual, seja ele qual for. Não irá NUNCA, mas

NUNCA matar um animal nos seus rituais. Isso não é satanismo, é assassinato e como tal deve ser punido por lei!

Foi consagrada a Lei n.º 92/95 de 12 de Setembro à sua protecção. Não é suficiente, mas já é alguma coisa.

Um animal não nega a sua natureza, não nega os seus desejos, não nega a sua essência. Eles acabam por se tornar sagrados, pois poderemos vir a aprender ainda mais com eles.

Chamam-nos de criminosos e de adoradores do diabo (sorrisos), quando o Cristianismo tinha sacrifícios. Uma das modalidades de sacrifício de animais propõe a purificação do espírito de quem o realiza. É a ideia de expiação, expurgo, limpeza. A espécie imolada carregaria consigo as impurezas que afligem as pessoas. Não será ridículo? Matar um cordeiro, indefeso, para lhes serem perdoados os seus pecados! E isto não ficava por aqui! O sacrifício de animais e pessoas era e é ainda frequente em diversos sítios



do mundo! Exemplos práticos encontram-se na tourada... Sacrifício de um animal para prazer do Homem. Uns defendem que as bandarilhas são espetadas numa camada de gordura e que não provoca dor ao animal. Comentar isto? Nem vale a pena! Matança do porco? Fazê-lo sangrar... Deixando-o a guinchar... Comentários? Matança de focas de uma maneira completamente atroz. Valerá a pena falar disso? Espancadas à paulada...

Um Satanista, em circunstância alguma, irá sacrificar um animal! Se cada Satanista é o seu Deus, como poderia ele sacrificar um animal?!

Distinga-se então o trigo do joio. Separem as águas! Existem grupos criminosos que agem e justificam as suas acções em nome do Satanismo, pois até dá jeito!!!

Não serão eles capazes de fazer algo tão simples como agir de acordo com a sua natureza? Eles não se regem por regras nem negam os seus desejos naturais...

Reforço que os animais são e sempre foram respeitados, no satanismo. É impensável outro entendimento. Nós somos os próprios deuses, os próprios sacerdotes. – Aprendamos então com estes magos naturais.

Perscrutem a vossa consciência. Não nos identificaremos todos, enquanto indivíduos com um ou mais animais? Com as suas características? Com as suas particularidades?

Podemos e devemos muitas vezes comparar os nossos comportamentos com o dos animais! As crianças são um excelente exemplo, pois como os animais, elas são indulgentes, não se privando de qualquer desejo natural.

Existem estudos que comprovam que quem tem animais em casa, acaba por possuir uma maior empatia e auto-estima. O Satanista sendo inteligente, sabe que além das vantagens de

um animal (já descritas), existem mais ainda. Ter em atenção que estados de ansiedade, medo e tédio são diminuídos. A relação Homem/Animal deverá então ser privilegiada.

Bentham e Mill dizem que Humanos e não humanos têm direito igual à consideração moral. Não poderia estar mais de acordo! Se torturarem um humano ele sofre e um animal? Por analogia também sofrerá claro. Não deveremos ser extremistas, pois existem diferenças, tal como a razão! A intelectualidade!

Todos compreendemos as respectivas diferenças, mas também compreendemos as semelhanças.

Thomas Hobbes defende que o direito natural é, e passo a citar "a liberdade que cada homem tem, de poder usar livremente o próprio poder para a conservação da vida e, portanto, para fazer tudo aquilo que o juízo e a razão considerem como os meios idóneos para a execução desse fim."

Os animais são portanto merecedores do nosso respeito e protecção!

Certa vez olhei nos olhos de um lobo e deu para ver o que não se vê nos olhos de um Homem... Quanto mais compreendo os Homens, mais gosto dos animais...

É ser livre... Mesmo dentro de gra-

Os animais são merecedores do nosso respeito, pois são naturais. São a natureza em bruto. Reagem e respondem de acordo com os seus instintos.

des... É ser ele próprio... A sua natureza é essa! Não morre... É necessário preservar, pois um satanista sabe aproveitar o que de melhor há neste inferno. Não seremos todos animais? Eles vivem e sabem o que querem e o que são... E os Satanistas? Pergunta desnecessária. Façam agora a associação!

Questionem o que vos é dito, pois assim verão a semelhança, o natural, a magia que existe nos animais... Mais palavras trariam o vazio... Aqui pede-se observação... Pede-se contacto com ambos. •





Não me Parece

Descubra a Cabra Secreta que há em Si.

Metzli



Charmhou (charmhou.deviantart.com)

“É EXTREMAMENTE DIFÍCIL PARA UMA PESSOA APRENDER A DIZER NÃO QUANDO TODA A SUA VIDA DISSE SIM”

Anton S. LaVey – A Bíblia Satânica



E haverá algum manual que ensine as mulheres a dizer “Não” melhor do que Descubra a Cabra Secreta que Há em Si, de Elizabeth Hilts? Possivelmente sim, muitos até, mas eu ainda não li nenhum deles. Quando cheguei à secção d’A Bíblia Satânica dedicada aos Vampiros Psicológicos pensei “Onde é que eu já li isto?” e tinha sido precisamente no manual da Cabra que Há em Nós. Um livro que li no início do Ensino Secundário e que me deu sempre muito que pensar.

Quem é que nunca sentiu que estava a ser boazinha demais? É que todas nós, pelo menos a maioria infelizmente, nascemos no seio da família Simpatia e a frase “Porta-te bem!” sempre foi a nossa banda sonora. As nossas mães vêm sempre em nós a menina que elas foram e, ao mesmo tempo, as que gostariam de ter sido. No entanto, uma pessoa não pode dar aquilo que não tem e nós somos, por isso, programadas para sermos simpáticas, sempre e a qualquer custo, porque foi assim com elas, e com as mães delas... Ainda mesmo antes de nascermos já começam a imaginar como irá ser a nossa vida, mas, eventualmente, um dia acabaremos por desejar mais do que aquilo que nos foi destinado.

Querer mais do que aquilo que se tem, ao longo dos tempos, tem sido o motor da evolução da espécie humana, sem o qual a esta hora ainda estaríamos numa Savana, a tentar partir os alimentos com pedras rudimentares. Contudo, esta vontade de dar sempre mais um passo em direcção a algo maior quando se expressa através de uma só pessoa é vista, socialmente, como algo negativo. Ninguém tem culpa e, ao mesmo tempo, todos têm. Todos esperam de nós um sorriso compreensível e que respondamos sempre a tudo com um “Sim”, porque afinal somos todos irmãos e estamos neste mundo para nos ajudarmos mutuamente.

Como é humanamente impossível ajudar todos, acabamos por desenvolver o sentimento de culpa. Mas



ninguém se deve sentir culpado por pensar em si e dizer “Não” quando realmente lhe apetece dizer “Não”. Se não pensarmos em nós ninguém pensará. E muitas das pessoas a quem dizemos “Sim” nunca o mereceram de verdade. A primeira vez que nos apetece não dizer “Sim” é a mais difícil, porque acabamos por o dizer, sentimo-nos mal por fazer algo contra a vontade e sentimo-nos ainda pior por estarmos a ser “más pessoas”, não querendo ajudar. E, a partir desse momento, vamos pedir desculpa por tudo, até por existirmos.

A quantidade de gente que pede desculpa por motivo nenhum é estupidamente assustadora. Por dia chego a ouvir mais de 20 pessoas desculparem-se por coisas tão simples como outras pessoas não estarem em casa. E eu pergunto, partindo do princípio que se pede desculpa quando se tem culpa, que culpa é que elas têm de outros ali não estarem? Ou as pessoas não têm consciência do que significa a palavra e utilizam-na como muleta verbal, sem significado, ou então já foram tão bombardeadas com o sentimento de culpa que se sentem constantemente em falta, por elas e pelos outros. E também é assim connosco.

Até que um dia, algum episódio faz com que os nossos olhos se abram e aprendemos uma palavra nova: “Não”. Uma palavra que já andava a ser formada, ainda que lentamente, no nosso ser e que ao sair não é tão estranha como imaginamos. Até tem um gosto doce.

Descubra a Cabra Secreta que Há em Si

Elizabeth Hilts procura no seu livro mostrar às mulheres que não têm de ser elas sozinhas, com o seu açúcar pessoal, a adoçar o mundo das outras pessoas. Trata-se de um livro escrito por uma mulher para ser lido por mulheres. A mensagem é semelhante à de LaVey, embora utilizando termos diferentes e apoiando-se numa estética distinta. Pretende despertar, recorrendo ao insólito e ao ridículo, a consciência feminina que se deixou adormecer por anos e anos de pedidos de desculpa. A autora conta a sua história, como cresceu dentro da família Simpatia e, mais importante que tudo o resto, como percebeu que a Simpatia se estava a transformar numa toxina: a Toximpatia.

“Já alguma vez respondeu Sim quando queria dizer Não me parece?”. É um teste simples. Só pode ter uma de duas respostas. Se a resposta for “Não” então é porque, segundo Hilts, já se encontra sincronizada com a Cabra que Há em Nós, tem consciência até onde é que pode e deve ir pelos outros e não sofre de Simpatia Tóxica. Se a resposta for “Sim”, então está a dar açúcar a mais ao mundo. O que se segue são 80 páginas em que se falam dos temas da vida quotidiana onde podemos dar mais espaço à Cabra que Há em Nós e onde se sugerem alguns pequenos exercícios para se dizer mais e melhores “Nãos”.

A Cabra que Há em Nós

A Cabra que Há em Nós é aquela parte de nós inteligente que consegue perceber quando devemos dizer “Sim” e quando é melhor dizermos “Não”. É a Cabra que Há em Nós que

Não sei como é consigo, mas o tempo que passo na cama antes de adormecer sempre foi para mim um espaço de reflexão. (...) penso em todas as coisas certas que fiz na minha vida. Todas aquelas vezes em que prestei atenção à cabra que há em nós, e as vezes em que me libertei da toximpatia.





Roslav Balek (jerrywhite.deviantart.com)

consegue, utilizando o bom senso, perceber quem merece o nosso sorriso e quem merece o nosso desprezo, a que sabe estar sempre á altura do acontecimento. De uma forma muito resumida, a Cabra que Há em Nós é a que diz o que pensa e pensa o que diz, apesar da ideia inicial que temos fazer dela a que está sempre do contra e mal-humorada.

Se cruzarmos o livro com a obra de LaVey, a Cabra que Há em Nós é o nosso melhor instrumento para percebermos se estamos rodeados de amigos verdadeiros ou de vampiros psíquicos, uma vez que ela sabe analisar o contexto e perceber se está a dar demais ou na mesma quantidade do que recebe. Se realmente à nossa volta existirem vampiros, então a Cabra que Há em Nós saberá sempre lidar com eles, com uma arma de defesa muito especial, cuja eficácia também foi defendida por LaVey, a frase “Não me parece”. Assim, “Não em parece”

surge como o grande salvador do dia e oponente da velha banda sonora “Porta-te bem!”.

Contudo, ter-se consciência não é andar por aí a responder a todas as perguntas com um “Não”, mesmo antes da pergunta ter sido terminada (como uma Excelentíssima Veterana que eu conheço). Ter consciência é, como dizia atrás, pensar no que se diz, no que foi pedido/perguntado e na forma como isso se enquadra no nosso esquema social. Se o “Sim” existe é para também ser utilizado. Elizabeth Hilts aconselha a que deixemos sempre ser a Cabra que Há em Nós a decidir e, por isso mesmo, até chega a afirmar que ela é como o preto: fica sempre bem.

Um outro aspecto muito interessante é o facto da autora se ter preocupado em analisar o confronto entre diferentes pessoas sincronizadas com a Cabra que Há em Nós, salientando o choque inicial que pode surgir,

mas dando a certeza que um tempo depois ambas saberão reconhecer o mérito da outra por também defender os seus interesses e saberão viver com esse choque. Pode ser que esteja nas mãos das mulheres em sintonia com a Cabra que Há em Nós a chave para o bom relacionamento (ou pelo menos para compreensão) entre os seres do sexo feminino...

Compromissos

Depois da descoberta da Cabra que Há em Nós surge O Guia Completo da Cabra Secreta, um manual bem mais específico para todas aquelas que já se encontraram com a sua própria vontade e deixaram vir ao de cima a Cabra que Há nelas. São mais 179 páginas onde podemos ler conselhos diversos para lidar com relacionamentos, principalmente a dois. Mas uma das coisas mais importantes no meio de todas as piadas e situações impensáveis pareceu-me ser uma frase da autoria de Janis Joplin que diz “Não te comprometas, tu és tudo o que tu tens”. Talvez seja esta a ideia básica de todas estas páginas escritas por todas estas pessoas, ao longo de todos estes anos em que o Homem pareceu virar-se finalmente para si e tentar encontrar regras que o ajudem, se não a conhecer-se, pelo menos a conseguir orientar os seus comportamentos para um lugar melhor.

Em todas as nossas acções, tudo que dizemos e fazemos, na forma como nos comportamos, colocamos sempre tudo de nós (ou uma grande parte de nós) e se tem mesmo de ser assim então é melhor escolhermos bem onde vamos deixar a nossa marca, a que imagens e conceitos vamos associar-nos, já que poderá colocar em causa tudo o que fizemos antes e mesmo o que tencionamos fazer no futuro. Tentar ser simpática e responder a tudo de forma positiva pode ser muito bom para os outros, mas para nós pode ter um efeito contrário.

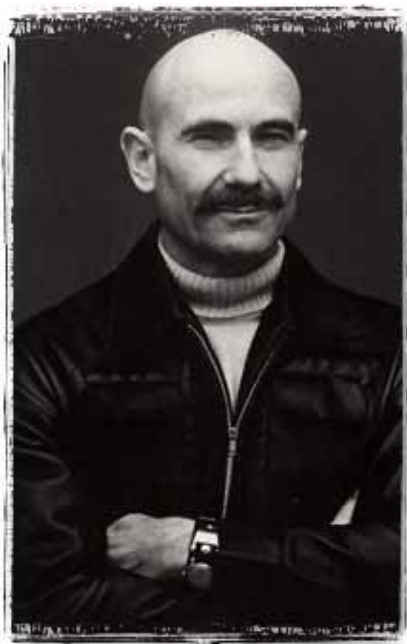
Se a mulher satânica vai aprender alguma coisa nova com a leitura deste livro não sei. É possível até que não lhe traga nada de novo. No entanto não deixa de ser curioso ver que na literatura light, assim como um pouco por toda a sociedade, se começa a despertar para a afirmação do Eu antes e acima de tudo o resto e todos os outros. Independentemente do termo que utilizem para se auto-descreverem, o que conta é a mentalidade e essa parece estar a mudar definitivamente. •



À procura de um pedaço de história

O nome Burton Wolfe pertence aos anais da história, quanto mais não seja por ser quem prefaciou originalmente o seminal The Satanic Bible. Tornava-se portanto pertinente falar com a pessoa por detrás do nome, no advento de um novo livro dedicado à vida e obra de Anton LaVey. Como vamos poder ver, há faculdades que se começam a perder com o tempo...

Lurker & Black Lotus



Como é que se descreve aos nossos leitores?

São possíveis variadas descrições: independente, iconoclasto, filósofo integracionista, educador... Acho que estas servem.

Pode fazer uma breve resenha do seu trilha ao longo dos anos, para aqueles que não estão familiarizados com o seu trabalho?

Inicialmente era bastante standard, como editor ou a trabalhar para jornais como o Washington Daily News, The Washington Post, Stars & Stripes (durante o serviço militar) Burlington (Vt.) Free Press e International News Service. Por me encontrar muitas vezes em desacordo com o que era publicado, comecei a publicar o The Californian em 1960. Esse periódico foi visto por outros como um modelo para a chamada "imprensa alternativa", que infelizmente nada tem a ver com a actual "imprensa alternativa", uma vez que não é uma alternativa ao jornalismo standard. A partir dessa altura dediquei-me à escrita, publicações e

trabalho organizacional de temas contra o que é comum e está estabelecido. Tenho um trabalho radical na verdadeira assunção do termo: investigo as raízes de qualquer tema.

Lembra-se quando foi o seu primeiro contacto com o Satanismo?

Essa história está no Black Pope, uma revisão e actualização do meu livro de 1974 The Devil's Avenger. Tudo começou quando ouvi Anton Szandor LaVey a dar uma palestra num seminário organizado pela Sexual Freedom League, em São Francisco. Para saberem o resto da história podem ler o The Black Pope, através do meu site: <http://ebooks.burtonwolfe.com>.

O que é que mais o atrai na filosofia satânica? E o que é que gera mais discussão junto do seu grupo de amigos?

O que mais me intriga na filosofia satânica e na sua adopção para a vida do dia-a-dia é que a maioria daqueles que praticam o satanismo moderno são incentivados a fazê-lo como reacção à religião cristã. Muitos, se não a maioria dos satanistas que conheci, eram inicialmente algum tipo de cristãos, iam à catequese ou à igreja. Acho que aquilo que atrai mais no satanismo é a vida de Anton e as suas inovações através da fundação da Church of Satan.

O que acha que mudou no satanismo ao longo da última década?

Tudo começou como uma partida engendrada por Anton: especificamente devido ao seu conhecimento dos conceitos cristãos e o modo de operar da igreja católica. À medida que o Anton ficou mais sério na sua concepção de si mesmo e do seu trabalho, ele e os seus seguidores ficaram mais brutais e mais fascistas em relação às suas crenças e declarações.

O que é que mudou na percepção da sociedade em relação ao que o satanismo realmente é?

É necessário separar a minoria de pessoas que tem uma cultura elevada e é inteligente da maioria que é "boba", como H.L. Mencken a descreveu. Os cultos entendem o Satanismo como uma negação, uma rejeição da religião judaico-cristã e de uma forma positiva como a celebração da parte carnal e material da vida. Os outros continuam a olhar para o Satanismo como a adoração a um diabo, entendendo-o como uma entidade real.

Quando foi o seu primeiro contacto com a Church of Satan?

O primeiro contacto que tive com a Church of Satan ocorreu quando disse ao Anton que queria escrever sobre ele e ele convidou-me para observar os seus rituais na Black House, no número 6114 da California Street em São Francisco (que já foi demolida) e que era o quartel general da CoS.

Porque é que foi convidado a escrever a introdução para a The Satanic Bible? Lembra-se do contexto que levou a isto?

O Anton convidou-me para escrever uma introdução para as edições iniciais da The Satanic Bible e para fazer a revisão depois de se ter desfeito da introdução de Michael Aquino que tinha substituído a minha primeira introdução.

Como é que se preparou para fazer essas páginas?

Como preparação para a introdução baseei-me numa conversa com o Anton e também com alguma pesquisa extra.

O que é que acha da revisão do livro com a introdução de Peter Gilmore? Porque é que acha que a sua foi substituída?

A minha introdução foi substituída porque eu assim o exigi à Harper Collins, depois de me ter apercebido que estava a ser mal utilizada pela Diane Hegarty (que tem sido identificada durante 2 décadas, de modo falso e fraudulento como Diane LaVey). Fiquei especialmente indignado quando soube que falavam de mim como um "membro possuidor de cartão" e high priest da Church of Satan – algo que não sou. Também há outras passagens na introdução que eu não escrevi e que foram acrescentadas depois da revisão. Foram falsificadores. Quanto à introdução de Peter Gilmore, ainda não a li, nem faço tentativas de ler. Já li o suficiente das suas baboseiras e não aguento mais nada.

O que pensa da situação actual da CoS e do que esta organização alcançou nos últimos anos?

A CoS actual é irrelevante. Nem tem influência ou impacto na vida americana. Não me apercebi que tivesse alcançado alguma coisa e só continua a existir para fornecer alguns títulos a quem ainda continua envolvido com ela.

Porque é que decidiu publicar o The Black Pope agora? Quais as suas

Muitos, se não a maioria dos satanistas que conheci, eram inicialmente algum tipo de cristãos, iam à catequese ou à igreja.



principais motivações para escrever este livro?

Finalmente consegui publicar o The Balck Pope, que já tinha planeado há alguns anos, mas nunca tinha tido tempo para o fazer, como forma de revisão e actualização do The Devil's Avenger, que foi a pior peça que já fiz na vida. Está cheia de fabricações de Anton e de erros meus que têm sido utilizados em milhares de jornais e artigos de revistas, bem como em artigos online que falam em "factos" e não são nada factuais, ou artigos de outros livros. Também era a principal fonte de informação para aqueles que escreveram uma porcaria que aparece na página da wikipedia. Estava envergonhado comigo e com aquilo que produzi e estava determinado em corrigir esses erros.

Quais são os principais pontos que pretende esclarecer com este livro?

O Anton através de mim e do The Secret Life of a Satanist de Blanche Barton (Sharon Densley), bem como através de enganos que induziu noutros, produziu uma falsa imagem dele próprio e disse mentiras horríveis acerca das suas origens. Uma vez que era uma personagem de interesse histórico, tornou-se importante para alguém produzir um retrato correcto do que ele era na realidade, a sua filosofia e o que alcançou.

Que partes têm sido mais enganadoras da vida de LaVey e que foram apresentados como factos?

Para saberem quais as partes da história de Anton LaVey que foram mais enganadoras, compreem o meu e-book. Os detalhes são demasiado complexos para tentar explicar numa entrevista.

Quais as principais diferenças entre o The Black Pope e The Devil's Avenger?

Há um ditado popular acerca da reacção que as pessoas têm em relação a revelações que são chocantes: "o silêncio é ensurdecedor".

O The Black Pope é o ÚNICO, autêntico livro que fala da vida de Anton e o ÚNICO com a história certa acerca da Church of Satan. Tudo o resto que tem sido escrito é um porcaria e mentira, incluindo o meu próprio livro The Devil's Avenger.

Já tem tido algumas reacções ao livro? Quais são as suas expectativas?

Há um ditado popular acerca da reacção que as pessoas têm em relação a revelações que são chocantes: "o silêncio é ensurdecedor". As pessoas que sempre pensaram que o Anton era um impostor lêem o meu e-book e começam a sentir-se suportadas nas suas assunções, apenas para serem levados para partes da vida de Anton que o mostram como é na realidade, sem as fabricações e como um filósofo brilhante e como músico. Todos aqueles que se identificavam com o Anton e acreditavam piamente nas lendas acerca da sua vida ficam atordoados com a descoberta de que foram enganados. Em ambos os lados desta equação, ninguém fica satisfeito com a história que eu conto. Como é algo tão eficazmente pesquisado e documentado, nada pode ser refutado e rebaixado. Por isso, aqueles que lêem o livro ficam em silêncio. Não sei que reacções futuras irei ter – especialmente se o livro for impresso e chegar a leitores que não esperavam nem um resultado, nem outro.

Porque é que decidiu publicar o seu livro no formato PDF? O livro também vai estar disponível em papel?

Com o formato PDF é quase praticamente impossível o texto ser alterado e mesmo para alguém que perceba de computadores é bastante difícil. Já é suficientemente mau que o que eu escrevi como introdução para a The Satanic Bible tenha sido alterado e continue dessa maneira, infelizmente de forma permanente. Não quero mais fraudes e falsificações. Espero encontrar um editor para publicar o meu livro. Mas isso ainda não aconteceu.

Pode dizer-nos algo acerca de outras publicações que tem feito até agora?

Recentemente tive um grande sucesso com o The Case Against "Jesus", publicado pela World Audience Publishers, o primeiro e único livro que prova, tal como num tribunal, com evidência irrefutáveis, que nunca existiu uma personagem como "Jesus Cristo". O Novo testamento é uma ficção e a Religião Cristã é um embuste com 1900



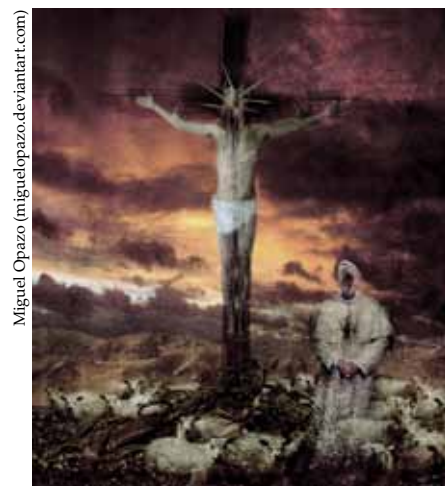
anos. O maior jornal diário do Sul da Florida (onde eu vivo), o Sun-Sentinel, acabou de publicar 2 artigos acerca do meu livro e sobre mim. Por isso os cristãos não podem evitar o facto de que a sua crença em Jesus e a sua bíblia foi demolida. Lucifer's dictionary of the American Language é o único dicionário que tem palavras da forma como os americanos as devem pronunciar e define essas palavras, não da forma como supostamente elas significam, mas da forma como os americanos as empregam.

O tema anti-religioso transparece pela maioria dos seus livros. É essa a sua principal fonte de inspiração? Tem outras?

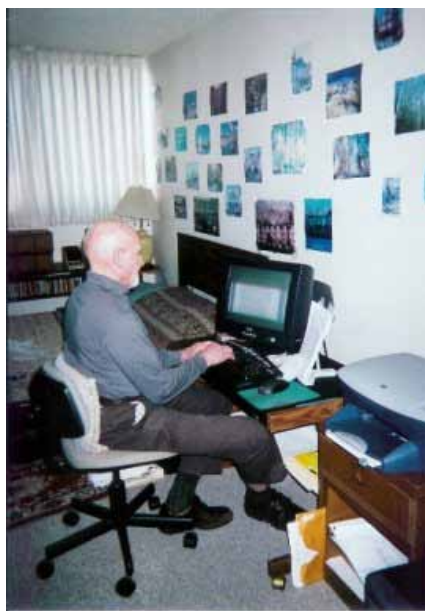
A minha principal fonte de inspiração, se esse é o termo correcto para a motivação, é procurar a verdade acerca da humanidade e das suas instituições para contra-atacar e expôr as fraudes e mentiras a que os humanos estão sujeitos através das falsas notícias dos media, dos professores e dos líderes políticos e de negócios e dos religiosos.

Qual o melhor livro que já escreveu? Porquê?

A minha epopeia é o The Case Against 'Jesus'. Foram necessários 40 anos de pesquisa para o produzir.



Miguel Opazo (miguelopazo.deviantart.com)



Dentro das suas 300 páginas podem obter educação para uma vida que não conseguem ter em mais lado nenhum – um tipo de educação que não conseguem ter em nenhuma escola, ou universidade, em outros livros ou jornais, radio ou televisão. O que falta a este livro é chegar à maioria do público de forma a que todos os humanos se possam aperceber da verdade acerca dos vários temas que são explorados no livro – que vão para além da religião judaico-cristã.

Ler este livro é perceber que não houve outra peça de literatura escrita desde que inventaram a imprensa que possa ser utilizada como informação válida e porque é que grande parte da literatura produzida depois dessa invenção está cheia de erros.

Está actualmente a trabalhar outros projectos?

Tenho de passar bastante tempo a promover os meus livros (físicos e os e-books), porque mais ninguém o faz a não ser que pague pela publicidade e não tenho dinheiro para pagar a toda a gente. Também tenho um blog actualizado praticamente todos os dias, chamado Wolfe Lair – <http://wolfelair.blogspot.com>, de modo a fornecer um tipo de educação que não se obtém em mais lado nenhum.

Como é que vê o mundo actual?

Estamos numa nova era negra da cultura, em que a tecnologia continua a inovar e a cultura entrou em regressão. Este fenómeno era definido pelos sociólogos como “retardação cultural”. Mas agora é pior do que isso. É uma regressão cultural. O mundo está sobrepopulado e cheio de problemas que estão por resolver e que inevitavelmente

vão resultar numa catástrofe gigante a não ser que haja alguma acção drástica que venha alterar este cenário.

Quais são as maiores vitórias alcançadas pela humanidade como raça e os nossos pontos mais baixos?

Não há características humanas como “raça”, é um termo falicioso criado no século XVII-XVIII, por filósofos alemães decrépitos. Como espécie, que é o que nós somos, alcançamos feitos tecnológicos maravilhosos. Mas também somos a primeira espécie no reino animal que destruiu imenso o ambiente. Nesse sentido somos um desastre.

Qual a sua opinião acerca da eleição de Barak Obama para presidente dos Estados Unidos?

Todos aqueles que lerem o meu blog vão aprender que Barak Obama pode muito bem nem ser o seu nome legal. Até podia ser Barry Dunham. Ele tem sido descrito biliões de vezes como “negro” ou “afro-americano”. Mas ele não é nem uma coisa nem outra. Se quiserem saber quem ele realmente é, devem ler o meu blog e o próximo livro sobre ele editado pela World Audience Publishers. Como ele não é nem preto nem afro-americano, claro que não pode ser o primeiro presidente negro, nem o primeiro presidente afro-americano. Se houvesse alguém como o primeiro presidente afro-americano esse seria George Washington.

Acha que ele irá fazer alguma diferença, ou tudo irá continuar mais ou menos na mesma?

Barack/Barry é erva para os milionários e bilionários e as suas corporações. Ele não será capaz de quebrar o poder estabelecido das corporações. Uma vez que ele é bem mais inteligente que o George Bush e tem algum interesse na vida de outras pessoas que não sejam apenas as ricas ele irá pelo menos tentar fazer alguma diferença. Se ele consegue ou não depende do suporte que irá ter ou a falta dele. Ninguém consegue ter um impacto tão grande na sociedade como os Estados Unidos e o seu enorme aparato. As pessoas que ficarão mais desapontadas com Obama são aquelas de baixos rendimentos, quer sejam de pela clara ou escura. Eles irão continuar pobres enquanto os ricos ficam mais ricos. Além disso, se o Obama não começa a falar de maneira forte acerca da sobrepopulação e sobre o que tem de ser feito acerca disso – algo que não conto que ele faça – os maníacos que controlam tudo no mundo irão continuar a destruir a Terra. Sem o controlo da po-

pulação, tudo o resto está perdido.

Quais os seus gostos nas seguintes temáticas:

Livro/ autor favorito: The Immortalist de Alan Harrington. Looking Backward de Edward Bellamy.

Banda/música favorita: Não tenho nenhuma música nem banda favorita. Abomino a chamada “música-popular”, que para mim, tal como para o Anton, é na sua maioria barulho. Gosto dos clássicos e de música tradicional folk, bem como alguma música de “ouvido fácil” feita pelos mestres como Mantovani, Mancini e Arthur Lyman.

Filme /actor favorito: o meu filme favorito é Ship of Fools. Se me forcem a escolher um actor favorito, embora seja bastante difícil, teria de escolher Rod Steiger que não esteve presente em Ship of Fools. Mas podem ver as suas incríveis actuações em filmes como The Pawnbroker and A Fistful of Dynamite e que teve uma co-actuação brilhante de James Coburn.

Melhor forma de passar o dia: trabalhar nas minhas comunicações para fazer passar as ideias a todas as pessoas.

O que é que conhece de Portugal? Já alguma vez teve a oportunidade de visitar o nosso país?

Com pesar, nunca visitei Portugal e também não sei muito acerca dele. O mais perto que estive foi quando visitei Espanha em 1956. No entanto trouxe discos contendo música portuguesa, como Fado, que ocasionalmente ouço, de uma forma geral gostoso.

Tem algumas palavras finais?

Comprem e leiam os meus livros e sigam o meu blog para aprenderem coisas que nunca pensaram existir. Sei que não devia dizer isto mas o que aprendem através dos meus livros e blog é único e não pode ser obtido em outro local na terra. •



*Estamos numa nova
era negra da cultura,
em que a tecnologia
continua a inovar e
a cultura entrou em
regressão.*





Nem tudo é aquilo que parece...

Yae



Idolos e Idólatras

Outubro

"Há mais ídolos do que realidades no mundo: Este é o meu "mau-olhado" em relação a este mundo bem como o meu "mau ouvido"."

Friedrich Nietzsche – Crepúsculo dos Ídolos ou Como Filosofar com o Martelo

Duas personagens unidas numa história em que a convicção, conotada ad nauseum com a força de carácter, deu origem à sua própria crise de poder e, conseqüentemente, à segunda motivação que as une a ambas (não necessariamente por esta ordem).

A realização e/ou assimilação de algo, capaz de diluir nelas as suas inconfessas debilidades, a par com o inconfesso (e pecaminoso) desejo de potência divina, seja enquanto portavoza, de um deus/diabo maior, de um modelo filosófico, ou social, seja enquanto guardiães da entidade ou modelo, que lhes serve de veículo para uma imaginária ascensão, vestindo-se à sua imagem e semelhança, assimilando-lhe os tiques, os trejeitos e até, nos casos mais trágicos, os vícios letais, seguindo-os cegamente, numa espécie de transe despótico, quase tóxico, logrando suprimir de vez em si, o pequenino homem impotente e anónimo, ao impor aos demais o dito modelo, ostentando orgulhosamente o badge que os resgatou enfim ao anonimato.

É interessante observar a imensidão de situações em que as duas personagens se cruzam, rescrevendo a mesma história, com nuances, ora trágicas, ora anedóticas, ora meramente favoráveis a uma alegre dormência, mas que traduzem invariavelmente o cancro que (in)felizmente os une e os torna dependentes um do outro, seja na ascensão, seja em plena queda.

Acontece que embora dependentes, as motivações que assistem este último, na primeira e na segunda fase podem mudar radicalmente, porquanto a queda do primeiro produz

nele uma derradeira ilusão de potência, ao resolver nele a inveja também inconfessa a que desejou chamar admiração, numa primeira fase, e o fez gravitar cegamente em torno do primeiro, assimilando dele o modelo proposto, agora convertida numa sórdida sensação de triunfo, face a falência do dito.

É claro que, por muito metamórficos que sejam os objectos escolhidos pelo ídolo potencial, para construir a sua imagem enquanto tal e com os quais se propõe alimentar o idólatra que por sua vez lhe serve de alimento a ele, toda a história se passa bem aquém dos objectos ou ideias que lhe servem de tema, distanciando-se progressivamente destes, à medida que o "ídolo" vê satisfeito o seu desejo de potência e o idólatra se potencia através dele, mesmo que em última análise, o seu objectivo já não seja amá-lo, mas sim "degluti-lo" em plena queda, partindo do pressuposto que isso lhe permitirá superá-lo, nem que seja por via da maledicência.

Prestando à "admiração" as reservas que lhe são devidas, analisemos o que distingue a potência real de um indivíduo do "ídolo" dependente dos seus seguidores. Para tal, denunciemos, antes de mais, as distorções oportunistas dos amigos da Igreja Católica, que ao tomá-lo como exemplo débil, com o intuito de desvirtuar a competição saudável presente em todos os indivíduos capazes de se potenciar pelos seus próprios meios, para satisfação dos seus impulsos carniais (o que inclui obviamente a razão que os impede de sucumbir a ídolos, deuses ou demónios), se propõe resumir o desejo humano de poder a um processo neurótico de ascensão, movido por inveja destrutiva e sentimentos de inferioridade, fundamentando-a portanto nos modelos de idolatria, o que não deixa de corresponder à verdade, mas descarta à partida qualquer tipo de emancipação.

Que para desvirtuar a chama capaz de diferenciar qualquer ser humano dominante do escravo vulgar – a que resolve chamar desejo nefasto de poder – o faz confundir com a crise de poder/identidade generalizada (cuja origem reside precisamente na falência das convicções, religiosas ou não, enquanto sinónimos de carácter) apresentando-nos para tal a fábula do idólatra e do falso profeta – por um lado o modelo neurótico de competição de um impotente médio, com contornos mais ou menos megalómanos que se faz valer de ideias emprestadas para se fazer seguir, por outro o idólatra, vítima da mesmíssima história – oferecendo em alternativa à salvação, o retorno ao único deus verdadeiro e o abandono progressivo dos falsos ídolos.

Como se entre seguidos e seguidos, cujas motivações, ou falta delas, atestam, para além de impotência, um enorme desejo de fé e fundamentam a crise em que se encontram, nada mais houvesse que um imenso vácuo, do qual se propõem tão oportunamente salvar todas as ovelhas tresmalhadas, por via do amor.

Mais uma vez, a denúncia de um problema de impotência generalizado e bem real serve os propósitos falacioso-

as distorções oportunistas dos amigos da Igreja Católica (...) se propõe resumir o desejo humano de poder a um processo neurótico de ascensão



O objectivo da maioria foi e continua ainda a ser, fugir à realidade, um tipo de realidade fundada numa outra forma de idolatria consumista, pela qual se deixaram igualmente sufocar.



sos de uma instituição, cujo móbil é justamente manter o poder, mas em cujos argumentos o “demoniza” em termos individuais, destituindo também por inerência a capacidade real de qualquer ser humano de se potenciar por via da razão e da satisfação pessoal.

Numa perspectiva algo pessimista, não será de estranhar que, após algumas décadas em que se logrou compensar a falência da fé religiosa, com a fé numa miríade de outros objectos de desinformação, em pleno advento da Internet – teorias da conspiração, extraterrestres, templos de aperfeiçoamento espiritual, o exacerbar de certo tipo de activismos, alegadamente fundados em bases científicas, mas capazes de instilar sentimentos mais apocalípticos que o próprio Koresh, a

maioria dos quais parecem apenas ter conduzido as pessoas a um estado de neurose e de impotência crescente – se assista a uma regressão à religião, devido a este tipo de argumentos, tão oportunamente colocados.

O motivo é simples: O objectivo da maioria foi e continua ainda a ser, fugir à realidade, um tipo de realidade fundada numa outra forma de idolatria consumista, pela qual se deixaram igualmente sufocar. Ou seja, a realidade não emancipada dos modelos enraizados de idolatria, sejam eles religiosos, políticos ou sociais, impedirá qualquer dessas pessoas de se aperceber, ou até mesmo desejar encará-la para além desses modelos, destituindo-a desde tenra idade dos impulsos que lhe permitiriam emancipar-se da competição escravagista

que faz hoje dela um impotente aspirante ao poder, ou um fiel seguidor dos modelos mediante os quais lhe são vendidas formas artificiais de poder, que curiosamente o acabam por destituir dele.

Talvez assim se torne claro porque motivo a igreja jamais sobreviveria sem esses modelos de idolatria, em si mesmo ferramentas oportunas para instilar a impotência nos fiéis, permitindo a seu tempo o seu regresso em massa à casa do senhor, mas em simultâneo a evidência da verdade expressa por Friedrich Nietzsche: Não há ídolos mais antigos nem mais novos...

Pena é que a um deles se negue tal estatuto. •



SquareSoul (squaresoul.deviantart.com)

SquareSoul 2007



Jarred Trainor(electrix04.deviantart.com)



Langsuyar & Euthymia

A MEMORIAL TO ANTON SZANDOR LA VEY
1930 - 1997

JÁ DISPONÍVEL NA LOJA ONLINE
DA APS, NAS MELHORES DISCOTECAS
E EM REVENDEDORES ESPECIALIZADOS

APOCALYPSE CANCELLED
RE SCHEDULED

FESTA DE APRESENTAÇÃO
EM JANEIRO 2009



HELLOUTRO ENTERPRISES
WWW.HELLOUTRO.ORG

